

Cadernos *Teologia
Pública*

ISSN 1807-0590 (impresso)

ISSN 2446-7650 (on-line)

Ano XVIII | Número 160 | Volume 19 | 2022

O pós-teísmo como superação dialética do teísmo

Santiago Villamayor

Cadernos *Teologia
Pública*

ISSN 1807-0590 (impresso)

ISSN 2446-7650 (on-line)

Ano XVIII | Número 160 | Volume 19 | 2022

O pós-teísmo como superação dialética do teísmo

Santiago Villamayor

Professor de Filosofia e ativista socioambiental



INSTITUTO
HUMANITAS
UNISINOS



UNISINOS

Cadernos Teologia Pública é uma publicação do Instituto Humanitas Unisinos – IHU, que busca ser uma contribuição para a relevância pública da teologia na universidade e na sociedade. A teologia pública pretende articular a reflexão teológica e a participação ativa nos debates que se desdobram na esfera pública da sociedade nas ciências, culturas e religiões, de modo interdisciplinar e transdisciplinar. Os desafios da vida social, política, econômica e cultural da sociedade, hoje, constituem o horizonte da teologia pública.

UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS - UNISINOS

Reitor: Sérgio Mariucci, SJ
Vice-reitor: Artur Eugênio Jacobus

INSTITUTO HUMANITAS UNISINOS - IHU

Diretor: Inácio Neutzling, SJ
Diretor-adjunto: Lucas Henrique da Luz
Gerente administrativo: Nestor Pilz
ihu.unisinos.br

Cadernos Teologia Pública

Ano XVIII – Vol. 19 – Nº 160 – 2022

ISSN 1807-0590 (impresso) | ISSN 2446-7650 (on-line)

Editor: Prof. Dr. Inácio Neutzling, SJ – Unisinos

Conselho editorial: MS. Ana Maria Casarotti; Profa. Dra. Cleusa Maria Andreatta; Bel. Guilherme Tenher Rodrigues; Profa. Dra. Susana Rocca.

Conselho científico: Ana Maria Formoso (Pontifícia Universidad Católica de Valparaíso, doutora em Educação); Christoph Theobald (Faculdade Jesuíta de Paris - Centre Sèvres, doutor em Teologia); Faustino Teixeira (UFJF-MG, doutor em Teologia); Felix Wilfred (Universidade de Madras, Índia, doutor em Teologia); Jose Maria Vigil (Associação Ecmênica de Teólogos do Terceiro Mundo, Panamá, doutor em Educação); José Roque Junges, SJ (Unisinos, doutor em Teologia); Luiz Carlos Susin (PUCRS, doutor em Teologia); Maria Inês de Castro Millen (CES/ITASA-MG, doutora em Teologia); Peter Phan (Universidade Georgetown, Estados Unidos da América, doutor em Teologia); Rudolf Eduard von Sinner (PUCPR, doutor em Teologia).

Responsáveis técnicos: Cleusa Maria Andreatta e Guilherme Tenher Rodrigues.

Revisão: Pedro Henrique Barbosa de Brito

Imagem da capa: Abstract painting | Pxhere

Projeto Gráfico: Ricardo Machado

Editores: Guilherme Tenher Rodrigues

Cadernos IHU ideias / Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Instituto Humanitas Unisinos.
– Ano 20. São Leopoldo: Universidade do Vale do Rio dos Sinos, 2003- .v. 20.
Publicado também on-line: <<http://www.ihu.unisinos.br/cadernos-ihu-ideias>>.
Descrição baseada em: Ano 1, n. 1 (2003); última edição consultada: Ano 19, n. 326 (2021).
ISSN 2448-0304
1. Sociologia. 2. Filosofia. 3. Política. I. Universidade do Vale do Rio dos Sinos. Instituto Humanitas Unisinos.

Bibliotecária responsável: Carla Maria Goulart de Moraes – CRB 10/1252

As posições expressas nos textos assinados são de responsabilidade exclusiva dos autores.

Instituto Humanitas Unisinos – IHU
Universidade do Vale do Rio dos Sinos – Unisinos
Av. Unisinos, 950, 93022-750, São Leopoldo/RS, Brasil

O pós-teísmo como superação dialética do teísmo

Santiago Villamayor

RESUMO: O Mistério da Salvação ou da Redenção, pedra angular do cristianismo, é uma forma bem elaborada de teísmo ou criação de um Ente Supremo que nos governa de fora. O teísmo hoje entra em choque com a ciência, a cultura e a sensibilidade modernas. Em seu lugar, defende-se o pós-teísmo, que não é ateísmo, mas outra forma de crer em que Deus não é objetivado, a revelação não é absolutizada ou as suas inspirações são interpretadas de maneira literal. Em vez de fazer imagens concretas do divino ou do sublime, é melhor escutar todas as vozes que nos falam da profundidade da realidade, pois não existe uma única e imutável Palavra de Deus. Crer é então dar valor a tudo o que vivemos e cooperar com a “Internacional da esperança”, inspirando-nos na história de Jesus de Nazaré. Esta é a nossa passagem ou mudança de paradigma crente motivada sobretudo pelas novas formas de entender o conhecimento e a realidade.

É preciso chegar aonde são concebidas as novas histórias e paradigmas, alcançar com a Palavra de Jesus os núcleos mais

profundos da alma das cidades.

Francisco, *Evangelii Gaudium*, 74

Creio que podemos reinventar o sagrado. Podemos inventar uma ética global, em um espaço compartilhado, seguro para todos nós, com uma visão de Deus como a criatividade natural no universo... Deus, um Deus completamente natural, é a própria criatividade do universo. É essa visão que espero que possa ser compartilhada por todas as tradições religiosas, abrangendo aqueles como eu, que não acreditam em um Deus Criador, tanto quanto aqueles que acreditam. Essa visão de Deus pode ser um espaço religioso e espiritual compartilhado por todos nós.

(S. Kauffman)

PALAVRAS-CHAVE: Teísmo. Pós-teísmo. Deus. Cristianismo.



Post-theism as a dialectical overcoming of theism

Santiago Villamayor

ABSTRACT: The Mystery of Salvation or Redemption, the cornerstone of Christianity, is a well-elaborated form of theism or creation of a Supreme Being that governs us from the outside. Theism today clashes with modern science, culture and sensibility. In its place, post-theism is defended, which is not atheism, but another way of believing in which God is not objectified, revelation is not absolutized or its inspirations are interpreted literally. Instead of making concrete images of the divine or the sublime, it is better to listen to all the voices that speak to us from the depth of reality, for there is no single, immutable Word of God. To believe is to give value to everything we experience and to cooperate with the “International of Hope”, inspired by the story of Jesus of Nazareth. This is our passage or change in the believer paradigm, motivated above all by new ways of understanding knowledge and reality.

It is necessary to reach where new stories and paradigms are conceived, to reach the deepest nuclei of the soul of cities with the Word of Jesus.

Francis, *Evangelii Gaudium*, 74

I believe we can reinvent the sacred. We can invent a global ethic, in a shared space, safe for all of us, with a vision of God as the natural creativity in the universe... God, a completely natural God, is the very creativity of the universe. It is this



view that I hope can be shared by all religious traditions, encompassing those like me who do not believe in a Creator God as much as those who do. This vision of God can be a religious and spiritual space shared by all of us.

(S. Kauffman)

KEYWORDS: Theism. Post-theism. God. Christianity.



O pós-teísmo como superação dialética do teísmo

Santiago Villamayor

Professor de Filosofia e
ativista socioambiental

“Não farás para ti imagem alguma de Deus; ouvirás sua voz” (Dt 5,8-10; Dt 4,12)

INTRODUÇÃO

Muitas pessoas ao ouvirem o termo pós-teísta pensam que está havendo um abandono de Deus. “Depois de” vem a ser como uma despedida. Mas o pós-teísmo não é ateísmo. É, em toda a sua complexidade, o paradigma que está substituindo o teísmo. Este é definido como a crença em um Deus - no grego, *Theos* - considerado como um ser supremo convertido em

mais uma entidade, um “algo” ou “alguém” que nos criou e regula nossas vidas, eminentemente superior a tudo o que existe e que depende dele.

O pós-teísmo é sua antítese e superação. Outra forma de crer, de viver com confiança e a partir de uma consciência mais elaborada em termos sociais. O pós-teísmo não é a negação dessa dimensão de transcendência com a qual a consciência busca superar a morte e o mal, com a qual deseja enriquecer a vida, concedendo à realidade um valor mais profundo ou mais consistente do que o percebido à primeira vista. É também um espaço mental e social de convergência das múltiplas formas de religiosidade ou ponto de encontro entre ateísmo e teísmo, até agora em confronto e em diálogo mais ou menos fecundo.

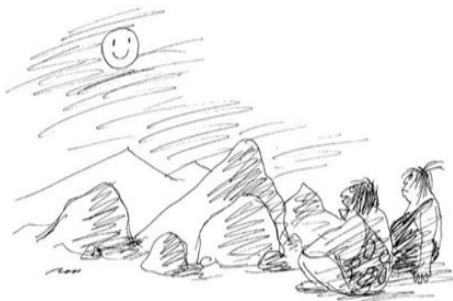
Neste texto explicaremos essa passagem ou mudança de paradigma. Analisaremos mais detalhadamente o que é o teísmo e especificamente o teísmo cristão, como foi gestado, desenvolvido e distorcido, as razões de sua minoritária reinvenção e crescente abandono, e exporemos o novo modelo pós-teísta, suas características e razões de seu surgimento. Numa terceira parte, responderemos à necessidade de criar novas narrativas que levem a uma melhor integração das dimensões simbólicas e empíricas da vida, da ética e da felicidade e reformularemos as expressões religiosas numa linguagem menos sobrenaturalista e estranha.

I. O PARADIGMA TEÍSTA. “CREIO EM DEUS PAI TODO-PODEROSO...” (CREDO CATÓLICO)

A criação de um Ser Supremo, Deus ou Theos

Segundo os historiadores, parece que foi assim que os humanos expressaram a maturidade de sua consciência, o desejo de plenitude, o medo diante das catástrofes naturais, a exigência de justiça ou os desejos de fraternidade, seja qual for, forjando em suas mentes um ser supremo e absoluto que os protegia, satisfazia suas necessidades e desejos e garantia a ordem social ditando a moral e recompensando ou punindo. Algo como um poderosíssimo chefe supremo da tribo acima de tudo e respeitado absolutamente por todos.

Chamamos de “teísmo” a crença neste ser supremo ou Deus. Foi a grande invenção da humanidade e produziu grandes benefícios e também violência e desigualdade. O teísmo surgiu há cerca de 7 milênios, na era dos metais, quando as tribos primitivas começaram a se assentar em cidades. No princípio, chamaram esse poder de muitas maneiras e deram-lhe a forma do que era mais importante para eles: o sol, o gado, a fertilidade etc. Posteriormente, a relação com o referido Ser, que chamamos de religião, foi se purificando e adquiriu expressões mais racionais e fecundas. Hoje, as religiões experimentam tensões com a secularidade, a ciência, a cultura e os modos de vida, o que não significa que não sejam consideradas algo valioso e cultivadas na maior parte do mundo. Algumas minorias, cada vez maiores, sentem-nas com indiferença e, em alguns casos, como um aborrecimento ou imposição.



No puede ser la Naturaleza... ¡Tiene que ser un dios!

Esta situação ocorre principalmente no mundo ocidental desenvolvido. Parece que a vida moderna quer se livrar de tudo o que é metafísico, o que não é perceptível, renunciar ao teísmo e se abrir para modos de vida orientados para o bem-estar, para as relações humanas e o mundo virtual. O paradigma do teísmo sofre uma resistência externa que o obriga a remodelar-se. Uma nova configuração do sistema que responda a essa pressão ou estímulo.

A renúncia à imagem de Deus, objetivo e descritível, não é nova. Imerge suas raízes na nossa fonte religiosa mais antiga, naquela sentença do Deuterônimo que nos diz: “Não farás para ti imagem alguma de Deus, ouvirás a sua voz”, e nesta outra também bem conhecida do Mestre Eckhart: “Ó Deus, livra-me de meu Deus.”

Não farás para ti imagem alguma de Deus, nem do Grande Mistério da Salvação, essa sequência temporal de grandíssimos milagres, tais como: a encarnação de um Deus, sua morte física e sua saída do túmulo já res-

suscitado. Um imenso mito que interpretamos literalmente muito contra a proibição do Deuteronomio, que nos sugere antes “ouvir a sua voz” (Dt 4,12.16; 5,11).

“Vocês ouviam a sua voz, mas não o viam.” J. Porfirio Miranda, um dos primeiros teólogos da libertação, interpreta a proibição como um chamado a não objetivar Deus e deixar-se interpelar por Ele. “O Deus verdadeiro não é algo que podemos apreender, contemplar ou tematizar; a verdadeira transcendência nos coloca além das categorias do ser e de todas as extrapolações do ser; Javé não está entre os existentes, nem no ser unívoco, nem no ser análogo, mas no implacável imperativo moral da justiça.”¹

A imagem leva à idolatria, a voz convida à libertação e a colocar-se no lugar dos pobres, de onde se pode ouvir o eco da divindade. Não podemos fazer-nos imagem alguma de Deus, tomar seu nome em vão; nem levá-lo a sério, como se estivéssemos dizendo a verdade. Mas podemos nos deixar interpelar, ouvir e sentir compaixão.

A ação compassiva é o incondicional comum que nos une a teístas e a ateístas. Isso é algo que outros teólogos recentes entenderam, como Paul Knitter, católico (Sem Buda, eu não poderia ser cristão) e John Hick, da Igreja Reformada (A metáfora do Deus encarnado), que representam um esforço comum para unir uma teologia plural da libertação com os novos paradigmas ecológicos e pós-religiosos. A libertação econômica e política, e especialmente a libertação integral, são grandes demais para qualquer nação, cultura ou religião.

1 MIRANDA, José Porfirio. *Marx y la Biblia*. Salamanca: Ediciones Sígueme, 1972. Pág. 73 36. *Ibidem*, pág. 82 37. *Ibidem* pág. 329.

O Mistério da Salvação ou a teologia teísta católica

O teísmo cristão toma forma no Mistério da Salvação ou da Redenção. A Redenção é o eixo central do cristianismo. Deus Pai onipotente desdobra-se criando o mundo e encarnando-se nele em forma humana. Um pecado infinito de desobediência por parte das criaturas obriga a um castigo e pagamento sangrento e mortal. Com sua Ressurreição e retorno à condição divina, Jesus atrai consigo toda a humanidade. Isso não é meio rocambolesco? É um mito e dele devemos reter o significado e não a letra. Infelizmente, a letra tornou-se um livro sagrado, intocável.

Recordem-se da pintura de Peter Brueghel, “O Caminho do Calvário”, e especialmente do filme sobre o mesmo tema, “O Moinho e a Cruz”. Deus move a grande roda do mundo desde a sua torre giratória para ver tudo oniscientemente, para vigiar as fainas humanas na planície e sobretudo para contemplar a passagem de uma grande procissão que se dirige ao Calvário onde parece que Jesus Cristo, seu Filho, vai ser executado para a salvação do mundo. Deus é o moleiro, no alto de sua torre de vigia, que mói as vontades humanas e é amado e temido por todos, impassível diante do mal e muito seguro do sucesso de sua criação.

O Mistério da Salvação e sua correspondente construção detalhada é a “resposta” à necessidade e desejo de sentido, ao parêntese da vida, à limitação ou contingência e, sobretudo, ao mal e à morte que parecem insuperáveis. É especialmente reconfortante para a remissão do “pecado” e da culpa, tranquilizador da ansiedade e do medo, e consolador diante do passado perdido e do sofrimento das vítimas inocentes. Mas

oferece essa resposta como um compêndio de fatos reais vindos de um mundo paralelo descrito de maneira literal pelo Apocalipse. E assim o crente pode se ver parecendo um estranho no mundo de hoje, falando no vazio, ou contradizendo o senso comum e a ciência e, assim, caindo em tolices muito sérias. O mais chamativo desses equívocos consiste em identificar a fé como um “crer no que não se vê” em vez de “crer a favor e apesar do que se vê”.



Caminho do Calvário. Pintura a óleo sobre madeira de 1564 do mestre flamengo da Renascença Pieter Bruegel.

O Mistério da Salvação nada mais é do que uma “Grande Metáfora”. Seu valor reside em dar uma resposta às grandes questões e seu erro consiste em explicá-las de forma realista. A “Salvação”, além de sua indefinição e de sua referência ao reino do sobrenatural, não é uma sequência temporal de grandiosos eventos milagrosos: a preexistência do Logos de Deus, a Criação paradisíaca e bondosa, o pecado infinito do ser humano, a Redenção do Filho de Deus encarnado para

justificar a bondade do Pai Onipotente e Criador que nos resgata pelo sangue do Filho e sua Ressurreição. E etc. etc. São conteúdos míticos da fé que, mesmo quando não são mais interpretados como dogmas, seguem sendo propostos como fatos reais paralelos à dinâmica natural da realidade. O ano litúrgico comemora mais este desdobramento do que a verdadeira maravilha da natureza.

A teologia moderna não está mais tão focada no paradigma redentor, dualista, literalista e divorciado da ciência. Está evoluindo para um paradigma monista, libertador, ecocentrado, inovador, simbólico e enraizado na ciência. O Mistério da Salvação, diz, é um desvio da mensagem libertadora de Jesus de Nazaré. Mas o teísmo subsiste.

A Bíblia não tem razão, mas alma

Hoje não se aceita que a verdade venha de uma revelação. Hoje sabemos que toda informação passa pela nossa consciência e que esta é uma função do cérebro. Que o crer não é superior ao saber porque o conhecimento tem uma metodologia tão exigente e aberta que é a crença concreta que deve ser construída sobre ele, e não o contrário.

A leitura dos escritos de Rogers Lenaers, John Shelby Spong e John Hick, para citar alguns autores, provocou um colapso da linguagem e das convicções religiosas. Não são ideias novas; Bultmann e as teologias da secularização e da morte de Deus precederam-nas no século passado. No entanto, relativo declínio da Teologia da Libertação, o surpreendente progresso da ciência, o laicismo, o pluralismo religioso e a razão

pós-moderna atualizaram as sacudidas. Para os cristãos renovadores, os conteúdos da religião são mitos convencionais, narrativas nas quais os seres humanos criam o Deus que os criou. As cerimônias sacramentais parecem-lhes rituais antigos e sentem que foram objeto de um erro bem-intencionado. Veem o cristianismo como uma grande construção simbólica paralela e contrária em muitos aspectos ao significado de Jesus e ao mundo atual.

A Bíblia não pode ser lida de maneira literal e exclusiva. Recentemente, as pesquisas arqueológicas mostram uma Torá elaborada pelos escribas do rei Josias, funcionários de um pequeno povoado de cananeus no século VI a.e. para refundar a identidade israelita, para engrandecer as origens do povo de Israel e legitimar o reino. Não é mais um relato ancestral da origem dos tempos, mas uma construção interessada. Não são poucas as vezes em que o êxodo foi lido como um estímulo para a luta, como modelo de libertação; outras tantas vezes se projetou a piedosa imaginação sobre o portal de Belém ou outras sequências para assimilar ao modelo de Jesus ou para interiorizar a graça definitiva da salvação. E agora acontece que não ocorreram dessa forma.

Quanto a piedade e a teologia se inspiraram nos mitos do Gênesis e quanto a Teologia da Libertação se inspirou na saída do Egito e em todos os outros eventos maravilhosos do Êxodo! A própria instituição da Eucaristia ou a ceia de Jesus não foi uma renovação do rito pascal judaico, mas uma ceia de despedida num contexto de perseguição. E poderíamos continuar com outros exemplos. Sabe-se que os evangelhos da infância foram elaborados ou inven-

tados com algum testemunho e múltiplas referências aos costumes descritos pela antropologia comparada. Fundamentalmente para engrandecer a origem de Jesus. Veja, por exemplo, o simbolismo numérico na genealogia de Jesus ou os sugestivos relatos da fuga para o Egito, dos Magos etc. E lembremo-nos da interpretação que Saramago faz da fuga para o Egito como uma traição de José que não avisou o anúncio do massacre.

Chega um momento em que o conjunto de interpretações criou um relato diferente. O que fazer então quando há tantas coisas para discriminar, tantas coisas para traduzir e atualizar. Pois bem, não há outra atitude senão dirigir-nos a partir do “espírito”, da bela e boa razão, à sua intenção de fundo: o contágio da esperança e das nobres atitudes de justiça e libertação e a animação para o acompanhamento da vida com mensagens reconfortantes. Mas então não é a Bíblia “que tem razão”. Pelo contrário, ela tem alma, e partilha a sua luz com muitas outras palavras, artes e figurações onde a beleza provoca uma comoção interior que diz “faz tempo bom, faz Deus”, saíamos da Arca.

A História Sagrada e a Grande História

Não se pode continuar com o Mistério Pascal para explicar a realidade. Se alguém encontra ali o simbolismo necessário e reconfortante para a transcendência de sua moralidade, que ao menos se dê conta de que se trata de uma metáfora. Junto com ele coexistem muitas outras histórias ou interpretações mais ou menos realistas que se tornam mitos. Hoje, as ciências e as artes nos fornecem uma base melhor para a elaboração de narrativas universais que nos unem em projetos

de paz e profundo bem-estar. Uma delas é a teoria da Grande História.

A nova teoria da Grande História pode ser uma cosmovisão mais acertada e universal do que a que aparece na “História Sagrada” da Bíblia. Esta teoria explica a realidade em sua genealogia cósmica, vital e cultural e é fruto da interdisciplinaridade das ciências e de outras sabedorias. Portanto, um ponto de partida comum para ancorar histórias religiosas subsequentes e cooperar diante dos desafios sociais e tecnológicos.

Satisfazemos nossos desejos e dúvidas existenciais com pequenas histórias, com experiências parcialmente gratificantes, por exemplo, um trabalho bem feito, uma pequena ascensão social, alguns sentimentos ou gestos de profunda bondade ou beleza, ou relações de grande realização emocional. Mas essas experiências não constituem por si só uma resposta abrangente ao mistério ou à incompreensão. Ainda não foi recomposta uma história geral, semelhante à religiosa, que explique tudo de forma global, que inclua todas as perspectivas da ciência e das sabedorias populares, que fundamente a ação e, em última instância, que dê um sentido. E aqui vem, na minha opinião, o valor e a função deste projeto da Grande História que pode nos levar a uma integração mais elaborada e universal das teorias científicas, das experiências sociopessoais e das pequenas ou grandes histórias que inventamos para sobreviver e amar. Se até agora a cosmovisão religiosa, bíblica e teológica era a informação subjacente e óbvia sobre o mundo ou a realidade, inevitável e verdadeira na medida em que se fundamentava na revelação divina, hoje se impõe uma base científica diferente, um mito-ciência diferente para a compreensão e elaboração

de respostas verossímeis e motivadoras.

Não é mais válido que uma inspiração religiosa ou uma determinada ideologia imponha seu modelo. Na visão integradora da Grande História, todos participamos da mesma incerteza, do mesmo desconhecimento e aproximação da verdade, e cada um elabora sua história de felicidade e suas propostas antropológicas e políticas de acordo com suas necessidades e desejos. O diálogo as une.

Mas então nos perguntamos: onde fica esse valor absoluto que tinha a “Palavra de Deus”? Por acaso, a verdade é múltipla e relativa? Para responder a isso, devemos começar esclarecendo que a verdade não é algo que se conquista para sempre, nem imutável, nem vinda de fora da consciência. Uma história deixa de ser pura ficção e adquire um certo valor de verdade quando: não é contrária à ciência, é considerada respeitável pela universalidade das pessoas, simboliza o bem e a beleza e motiva para elas.

Parafraseando Kant, poderíamos dizer: “crie ou construa o sentido da sua vida de tal forma que possa ser tomado por todos como um valor, como algo positivo para a consciência coletiva, para a beleza do mundo e o bem comum”. Por isso, quanto mais arbitrário é um mito, ainda que altamente esclarecido, menos se deve levar em conta seu potencial de verdade, e quanto mais próximo da intersubjetividade crítica, maior a sua verossimilhança ou semelhança com a verdade. Não é a mesma coisa afirmar que uma virgem apareceu a alguns pastores em uma árvore do que louvar aquele pastor que deixa 99 ovelhas para ir em busca de uma que se perdeu.

O magistério eclesiástico não muda

O magistério da Igreja, os concílios ecumênicos, a verdade infalível do papa, o discernimento exclusivo dos bispos como herdeiros legítimos dos apóstolos, os dicastérios dogmáticos do Vaticano como repositórios da verdade revelada, prolongaram o literalismo que acompanhou as primeiras leituras dos Evangelhos. Escritos à maneira judia, midráshica, pela segunda geração de seguidores incondicionais do Caminho de Jesus, consolidaram essa forma de entender o seguimento. A descrição substituiu o símbolo. A sujeição da consciência à liberdade de pensar. A segurança da revelação à livre inspiração da bondade.

Agora enumero alguns pressupostos que traíram a inspiração de Jesus e concretizaram sua forma teísta.

1. A leitura literal dos textos evangélicos, e em geral de toda a Bíblia, ignorando a sua natureza simbólica e a exegese mais atual.

2. A concepção dogmática da verdade, não fundada no humilde exercício da razão crítica, mas na soberania de uma comunicação particular e sobrenatural ou Revelação convertida em palavra absoluta de Deus.

3. Uma concepção ainda medieval da relação entre fé e razão baseada na supremacia da fé e na marginalização do conhecimento científico.

4. Uma compreensão sobrenaturalista da mensagem evangélica, do ser humano e da realidade que comporta um acentuado dualismo (Cf. J. M. Vigil, “os dois andares”).

5. Uma concepção hierárquica do seguimento de Jesus inquestionável e emanada diretamente da revelação divina e, portanto, uma negação frontal da democracia na tomada de decisões, organização e governo da Igreja.

6. A descendência direta e sobrenatural dos apóstolos nos bispos. O que implica a atribuição aos bispos da máxima autoridade e da prevalência no discernimento.

7. A superioridade do direito divino e do direito canônico sobre o consenso da ética e dos direitos humanos, entre eles a igualdade das mulheres e as liberdades individuais.

8. Uma concepção do cristianismo como religião, respeitosa das demais, mas predominante, e como instituição paralela e de nível superior às instituições civis.

9. A identificação categórica de um Ser Supremo, apreensível pela mente humana de forma concreta com atributos especiais e intervenções extrínsecas na história e na natureza à margem do seu dinamismo natural.

Nós criamos o Deus que nos cria

Como síntese desta passagem podemos dizer que “nós criamos o Deus que nos cria” (entenda-se que não há um Deus que possamos objetivar e que a criação é mais um símbolo do que uma explicação), e não sabemos onde começa e onde termina esse círculo virtuoso. No entanto, podemos sentir que quanto melhor recriamos a “Deus”, melhor ele nos recria. Acontece uma criatividade que geramos e nos gera ao mesmo

tempo e para o melhor. É como um vórtice cada vez mais para dentro e para fora, cada vez mais sentido, um movimento cada vez mais desinteressado e comprometido. Inspiração e expiração.

Assim vivido, o “depois de Deus” ou do teísmo, pode ser entendido como o permanente deixar Deus por Deus, a liberdade de crer e criar a referência primeira de nossa vida. Com a mais sincera e bela razão ou sentir, como fizeram nossos antepassados ao escrever uma Bíblia que mais tarde foi imposta como Revelação.

Essa liberdade acerca de “Deus” me parece ser um traço básico disso, ainda indeterminado, que chamamos de pós-teísmo e reinício do cristianismo, como foi há 50 anos a Teologia da Libertação. Quando trocamos a santidade pela compaixão e, não sem algum sentimento de traição, pelo “princípio e fundamento” da vida que consiste em louvar e bendizer a Deus e salvar a alma.

II. A SUPERAÇÃO DO TEÍSMO NO PÓS-TEÍSMO. “OH, DEUS, LIVRA-ME DE MEU DEUS” (M. ECKHART)

O paradigma pós-teísta

O pós-teísmo, portanto, apresenta-se como um paradigma substituto do teísmo. O pós-teísmo é a renúncia a essa criação ou construção humana do sagrado separado da vida real e constituinte de outro mundo além deste, à maneira das ideias platônicas, do desdobramento da essência humana mencionada por

Feuerbach, da grande ficção niilista denunciada por Nietzsche, onde Deus era a pedra angular do ressentimento e da alienação no capital desmascarado por Marx. Todos estes suspeitaram do cristianismo e não sabíamos, pelo forte impacto que tiveram, ver neles um alerta para o nosso provável fundamentalismo. Os teólogos da secularidade e da morte de Deus são os que iniciaram o caminho de escuta de outras vozes. E, ultimamente, as revoluções biológicas, quânticas e da relatividade, assim como o pluralismo, acabaram por fazer desmoronar o modelo teísta.

Rudolf Bultman, o bispo Robinson, o profundo crente Bonhoeffer, Paul Tillich e os muito recentes Roger Lenaers e John Shelby Spong moldaram progressivamente a passagem pós-teísta. Todos eles se consideram crentes, mas abandonaram essa imagem de Deus como Theos. Basta-nos recordar a primeira tese de J. S. Spong, ou estas linhas de R. Lenaers: “Um mundo que tomou consciência de sua autonomia só pode ser ateísta, não teísta, porque se libertou da representação de um Theos que o dominava e decidia tudo.”²

E comentando as conhecidas expressões de Bonhoeffer, “Deus nos faz saber que devemos viver como aqueles que se arranjam na vida sem Deus” e “Diante de Deus e com Deus vivemos sem Deus”, esclarece: “Bonhoeffer usa a palavra ‘Deus’ em dois sentidos diferentes. Quando escreve ‘viver sem Deus’, está se referindo a viver sem a representação pré-moderna e heterônoma de Deus, sem o Deus-nas-Alturas, sem esse Theos com o qual o ateísmo já acertou suas contas. Ao contrário, quando escreve: ‘Diante de Deus e com Deus’, usa o termo Deus no sentido do transcendente, 2 LENAERS, Roger. Aunque no haya un Dios ahí arriba. Vivir en Dios, sin dios. Quito: Editorial Abya Yala, 2013. Capítulo 15.

Aquele que Tillich já havia descrito alguns anos antes como ‘a Profundeza da Realidade’. Ou, como disse Einstein, a majestade que se esconde por trás de tudo o que pode ser experimentado.”

Assim, o pós-teísmo não significa renunciar à abertura da consciência e ao valor da vida, mas às configurações ou imagens que lhe dão sustentação. O pós-teísmo é um reconhecimento do Mistério indizível, um apelo ao polimorfismo simbólico, uma aceitação da incompreensão que sempre nos acompanha. Um chamado ao anateísmo (Richard Kearney), à superação de todo teísmo e ateísmo, ao valor do aqui, lar paradoxal de um além possível e improvável que no momento só está aqui.

Um viver esperançados na intermitência, como se esse Deus existisse e como se não existisse. Uma esperança sem saber, uma espiritualidade anônima. O pós-teísmo não restringe a vivência do mistério e permite uma maior autonomia ao não se sentir coagido por uma imagem especial. Pode ser acolhido tanto por teístas como por ateístas, pois não pressupõe a afirmação ou a negação do divino. É equivalente a um agnosticismo ativo, digamos apaixonado. Um não-saber que mergulha seu vazio cognitivo no vazio infinito, como um longo olhar para um horizonte sem figura, que, por sua imprecisão, pode receber qualquer inspiração de figura. Deveria antes ser chamado de pré-teísmo, pois permanece no passo anterior e comum da indefinição do mistério.

O pós-teísmo não se contenta com uma voz única, realista e exclusiva. Basta recorrer a outros mitos para entender que vale tudo, com os critérios citados, para expressar o que não tem palavras adequadas. Este é o

significado do termo mística, o que se diz sem palavras. Tomemos como exemplo esta ficção de criação semelhante ao mito de Adão e Eva, um casal solitário abençoado, amaldiçoado e recriado: o alegre samba do mito do povo indígena Makiritare da Amazônia venezuelana.

A mulher e o homem sonhavam que Deus os estava sonhando.

Deus os sonhava enquanto cantava e agitava suas maracas, envolvido em fumaça de tabaco, e se sentia feliz e também estremeado pela dúvida e o mistério.

Os índios Makiritare sabem que se Deus sonha com comida, frutifica e dá de comer. Se Deus sonha com a vida, nasce e dá de nascer.

A mulher e o homem sonhavam que no sonho de Deus aparecia um grande ovo brilhante. Dentro do ovo, eles cantavam e dançavam e faziam um grande alvoroço, porque estavam loucos de vontade de nascer. Sonhavam que no sonho de Deus a alegria era mais forte que a dúvida e o mistério; e Deus, sonhando, os criava, e cantando dizia:

- Eu quebro este ovo e nasce a mulher e nasce o homem. E juntos viverão e morrerão. Mas nascerão novamente. Nascerão e tornarão a morrer e outra vez nascerão. E nunca deixarão de nascer, porque a morte é mentira.³

A esses mitos foi atribuído o caráter de uma Revelação divina e foram aceitos indiscutivelmente como uma explicação real do mundo. A função apropriada dos sacerdotes e xamãs que as pronunciavam era inter-

3 GALEANO, Eduardo. Memória do Fogo. Trilogia. I. Os nascimentos; II. As caras e as máscaras; III. O século do vento. Porto Alegre: L&PM, 2013. (Recriação de: CIVRIEUX, Marc de. Watunna. Mitologia makiritare. Caracas: Monte Avila, 1970).

pretar Deus. Reinterpretar o que eles tinham construído de acordo com sua interpretação prévia, um círculo vicioso muito favorável para aquelas classes e pessoas privilegiadas. E para legitimar os Estados, sobretudo as monarquias e os impérios.

A tradição bíblico-cristã e outras semelhantes foram amplamente bem-sucedidas. É por isso que o pós-teísmo tira Deus do absolutismo dos livros sagrados como a Bíblia e o devolve sem nome à realidade. Res situa os valores em outra linguagem, principalmente aquela que tem a ver com o reconhecimento da compaixão e da resiliência do bem. Hoje é problemático falar de Deus com a audácia e as pretensões de outra ou professar uma religião claramente inadequada. Tudo relacionado a esse mundo borrado do “divino” tem que ter uma expressão e vivência mais adequada, menos sobrenatural e mais interna ao curso de cada evento vital.

O pós-teísmo significa precisamente isso: o depois de Deus, ou mesmo antes de Deus, é contrário ao absolutismo de uma representação única. O pós-teísmo tenta o melhor com convites extremamente livres para se encontrar moderadamente com o bem sem coerções absolutistas.

Como alguém pode ser ao mesmo tempo pós-teísta e crente

Nestes tempos de transição, muitas formas teístas já estão desaparecendo. Comunidades e grupos priorizaram as dimensões compassivas, de tal maneira que caminharam tão dentro de contextos seculares de grande generosidade que nomear Deus foi em grande

parte eclipsado. Teísmo e pós-teísmo, ateus e crentes convivem na práxis social e ambiental em uma nova espiritualidade de confluência e compromisso. O mesmo não aconteceu no sistema econômico-religioso onde Deus continua sendo instrumentalizado.

Em muitos países e cidades estão surgindo grupos de crentes sem religião, que há muitos anos vêm desconstruindo o modo de pensar e a interpretação do mundo. As práticas religiosas perderam o sentido para eles e, finalmente, estão entrando em um modelo de esperança pós-teísta e não dualista. Mas é difícil viver sem imagens e símbolos. Bonhoeffer cunhou essa expressão, “sem Deus em Deus”, e nós a repetimos mil vezes; sem Deus, sem criar entidades superiores incorpóreas, em Deus, vivendo aqui sua realidade, sua plenitude. Essas pessoas não são ateias, não negam a transcendência ou a sublimidade; nem são niilistas, mas aderem a outras formas de viver na realidade, no mistério ou no indizível. Não negam nem afirmam que existe um Deus, e rogam repetidamente para que Deus os livre de seu Deus.

Elas se esforçam para fazer tudo valer a pena. Não se resignam à indiferença, nem se rendem a absolutos. Amam o aqui. Sentem emoções elevadas e são compassivas como antes, mas sem se fazerem deuses ou dogmas. Procuram múltiplas maneiras de preencher o vazio e discernir as ficções. Tentam reduzir a dominação de uns pelos outros. Dão tudo pelo bem e a beleza. Vivem da esperança sem saber de quê, apenas conscientes de algo desconhecido que guarda ou esconde o próprio esperar. Dão tudo pelo bem como antes, mas não fazem para si nenhuma imagem de Deus.

O pós-teísmo não é ateísmo. Repitamo-lo várias

vezes. Digamo-lo toda vez que o sentimento místico se retrai e um nome aparece. O pós-teísmo é a renúncia de resolver o mistério do aqui com a afirmação literal de uma grande história do além. O nome de Deus e sua tradução religiosa, o teísmo, surge da impotência de desvelar o mistério, é sua explicação imediata. Ao não compreender a imensidão e a maravilha do que somos e do que nos cerca, recorremos a Deus como o conhecedor onipotente que explica tudo. Em cada coisa que percebemos, sentimos que sua limitação nos desvela o que lhe falta e nos chama a contemplá-la em sua plenitude e em relação com tudo. E essas ausências ou conotações no que se percebe, seu mistério, é o que nos chama a dar novos nomes ao desconhecido ou ausente. Sem compromisso ontológico a princípio, na sequência se lhes outorga uma realidade imaterial. É o encanto, a magia que um olhar instrumental ou positivista sempre quer controlar.

A passagem pós-teísta: causas do paradigma pós-teísta e suas características

a) Uma nova maneira de entender o conhecimento

A pós-modernidade caracteriza-se, entre outras coisas, pela crítica ao fundamentalismo, pela impossibilidade de dar uma razão certa e absoluta tanto do nosso conhecimento como da realidade. O conhecimento hoje tem um caráter mais empírico e processual. Para os epistemólogos mais recentes, não é preciso que os enunciados científicos sejam estritamente verificáveis ou confirmados pela observação ou pelos experi-

mentos científicos; basta que sejam plausíveis, isto é, que possam ser passíveis de falsificação.

Os paradigmas e programas de pesquisa são substituídos uns pelos outros no que se chama de revolução científica. E também acontece da mesma forma na sociedade e na cultura com seus imaginários coletivos e com suas convenções e evidências implícitas. Estes paradigmas são incomparáveis, não podem ser medidos entre si (L. Sequeiros), fundamentalmente porque não existe um terceiro que sirva de critério. Pensemos, por exemplo, no heliocentrismo ou na teoria da evolução. E no nosso caso, no teísmo.

Conhecer essa evolução epistemológica pode servir de guia na análise da inversão religiosa que se vive hoje. A concepção da crença também deixou de ser dogmática e é interpretada mais em termos de história, símbolo ou metáfora. A ciência hoje significa uma construção social de pensamento racional organizado. Neste caso, a filosofia e as ciências sociais também seriam um pensamento rigoroso ou “científico”. E as espiritualidades ou religiões levarão em conta seu caráter de construção social e simbólica com funções menos explicativas e mais atitudinais.

É por isso que devemos estar conscientes da diversidade de linguagens e usá-las com cautela. Tentaremos valorizar em sua justa medida tanto a ciência quanto as narrativas religiosas e políticas. Respeitaremos o polimorfismo epistemológico e o pluralismo cultural e religioso.

O desenvolvimento científico, e sua disseminação, é tão espantoso e até mesmo tão perturbador que muitas vezes nos leva a nos perguntar em que mundo

vivemos. Como todas essas teorias científicas e epistemológicas repercutem na experiência espiritual e na explicação racional da fé? O que essa visão unitária da matéria e do espírito evoluindo das formas mais primitivas pode implicar? E como será o amanhã quando a evolução da consciência for artificial? Onde fica o âmbito sobrenatural?

b) Como concebemos a realidade hoje

A visão da realidade que a ciência atual nos oferece difere substancialmente daquela de cinquenta anos atrás, para indicar uma data, ainda presente na maioria da população. A visão antiga foi construída sobretudo a partir da física aristotélica corrigida pela Nova Ciência do Renascimento e pelo determinismo e positivismo do século XIX. Essas características reducionistas e a resistência das Igrejas em abrir mão de sua autoridade baseada dogmaticamente na “Palavra de Deus” e sua hermenêutica realista retardaram a mudança da imagem do mundo.

Já hoje, e felizmente, as novas teorias da evolução das espécies, da genética, da relatividade e da mecânica quântica, juntamente com a informática, a neurociência e a inteligência artificial, modificaram substancialmente a nossa compreensão do que somos. A realidade é algo enigmático, inacessível ao nosso conhecimento, e se apresenta como algo incerto à espera de ser medido e configurado. A indeterminação da matéria e o novo conceito de lei física como expressão de tendências prováveis impedem uma imagem exata do mundo e uma concepção realista do conhecimento (I. Izuzquiza).

A realidade responde à racionalidade matemática e aos modelos científicos, mas ao mesmo tempo se comporta aleatoriamente em um caos ordenado que permite generalizações sobre suas tendências mais prováveis. O antigo critério unilinear de causa e efeito deve ser concebido como uma tendência de comportamento e resultado de uma combinação de múltiplas interações.

Impõe-se uma abordagem holística e monista; do nível quântico da matéria-energia às formas superiores de consciência, tudo responde à mesma realidade progressivamente diferenciada. O cosmos é um grande sistema com propriedades emergentes. A vida e a consciência se dão em um processo de auto-organização e complexidade da realidade inicial.

O conceito de matéria afasta-se do cósmico e aproxima-se do conceito grego de elemento primordial. Passamos da compreensão da matéria como algo passivo, bruto, à matéria-energia ou matéria dinâmica. Mais do que massa, é atividade, energia, movimento.

A teoria da evolução corrigida e aprimorada fixa definitivamente nossa origem nas espécies anteriores e abre uma nova compreensão que também integra a evolução cósmica. A interpretação sequencial da história como lugar da ação divina ou do eterno retorno, a reencarnação e outros mitos permanecem altamente questionáveis.

As fronteiras entre o físico, o vivo e o mental se esfumam. Apenas nos últimos graus de diferenciação, e para uma observação elementar, o universo é diverso. A descrição do universo inclui, além dos fatos, os constructos matemáticos que os determinam. “O que

é dado” é constituído por matéria e medida. Não há um mundo físico à margem da observação e do cálculo matemático.⁴

Como exemplo dessas mudanças dizemos que o “Big Bang” não é a criação, e que o bóson/campo de Higgs não é Deus, assim como o barro não era a corporalidade humana e o sopro não era a divindade que o vitaliza. O “Big Bang” e a Criação são referências que surgem em diferentes níveis epistemológicos. Ao falar do primeiro, situamo-nos em um nível empírico, ao passo que ao falar de Criação nos situamos em um nível simbólico. E assim acontece com muitos outros mitos.

Incerteza, relatividade e emergência

A epistemologia mais atual e a conseqüente ontologia nos situam, portanto, diante de um mundo feito de matéria dinâmica, energética, crescente em complexidade e ascendente em direção a novas propriedades e funções. Essa concepção monista põe fim ao dualismo imemorial matéria-espírito, corpo-alma, natural-sobrenatural, seres inertes, vivos e inteligentes, lembrando-nos de nossa comum procedência e constituição, genética e ambiental.

“...o universo moderno não é um universo de patência-da-Verdade, mas um universo enigmático que nos coloca na incerteza metafísica de não saber se seu fundamento último é Deus ou um simples mundo sem Deus.”⁵

4 IZUZQUIZA, I., CORELLANO L., FRECHILLA, A., PEÑA J.V., VILLAMAYOR, S. *Filosofía y Ciudadanía*. Madrid: Anaya, 2008. Págs. 136-137.

5 MONTSERRAT, J. *El gran enigma*. Madrid: Editorial San Pablo, 2015.

A ciência e a fé entram em outra relação mais frutífera do que a tradicional dissidência ou confronto. Hoje é impossível considerar a ciência como serva da fé, ter a Revelação como verdadeira e marginalizar a ciência. Todo conhecimento é relativo, provisório e suscetível de falsificação. E na ordem dos significados, a sabedoria ou é compatível com a ciência ou está fora de lugar.

Da mesma forma, a matéria deixou de ser essa substância física, pétrea, à nossa frente, à espera de ser iluminada por nossa inteligência ou transfigurada pelo espírito. A matéria é vazio quântico que evolui formando galáxias, tecidos vegetais, sensibilidade e consciência. O novo cristianismo não se baseia na fixidez da Criação, mas na emergência e complexidade dos sistemas que se auto-organizam cada vez melhor. Não cabem, se não for simbolicamente, e mesmo assim, porque há símbolos melhores, disrupções provocadas pelo pecado, pelo castigo ou pela nova aliança, encarnações de Deus ou ressurreições de tudo.

Debates sobre a realidade social

A realidade social se apresenta tão complexa ou mais do que o enigma do universo. O problema da liberdade, do sofrimento e da desigualdade, a diversidade de culturas, as dificuldades de entendimento entre as pessoas, o sentido da vida consciente e muitas outras grandes questões nos deixam muito perplexos e exigem muitas nuances.

Os últimos dois séculos testemunharam a rivalidade entre três grandes sistemas políticos: o liberalismo, o comunismo e o fascismo. O liberalismo triunfou e seus

excessos provocaram uma gravíssima deterioração do planeta, múltiplos deslocamentos populacionais e uma mentalidade de enriquecimento e consumo à custa de qualquer coisa. Mas sobreviveu graças às correções comunistas e ao enfrentamento do fascismo.

O modelo social que avança é a democracia do mercado regulado, social e ecológico. No entanto, a globalização informacional do capital criou um sistema financeiro muito poderoso que vai além de qualquer capacidade de regulação. As recentes tendências nacionalistas e identitárias que fecham as fronteiras e dificultam a comunicação representam um risco para a coexistência pacífica.

A gravíssima deterioração do meio ambiente nos revela um paradigma de dominação e um antropocentrismo excludente. O movimento ecologista junta-se assim à crítica ao patriarcalismo e ao movimento mundial pela libertação das mulheres. São, talvez, as referências mais importantes e transformadoras das últimas décadas. Uma ética universal começa a ser construída com base nos direitos humanos e na consciência da dignidade. O sentimento democrático é apresentado como o valor incondicional na sociedade laica. Teísmo e ateísmo não são mais posições relevantes e divisórias.

A precariedade, as relações líquidas, a leveza do ser, o e-hedonismo “euísta”, a insegurança e a frustração no trabalho, as novas formas de casal e família, o estresse e a urgência do que não é tão urgente e muitas outras características descrevem uma vida cotidiana muito distante da estabilidade e da segurança proporcionadas pelo sistema social teocêntrico, teocrático e moralista dos séculos anteriores. A busca por um me-

lhor status social monopoliza os desejos de realização. Vive-se da aceleração, do ruído em todos os sentidos, da complicação e da futilidade.

Mas também é verdade que a humanidade nunca viveu melhor, nunca teve melhor saúde e expectativa de vida e que a dissuasão dos conflitos de guerra parece funcionar (agora talvez nem tanto...), embora subsistam imensos bolsões de empobrecimento, opressão e guerras locais. A realidade virtual se sobrepõe ao mundo real em um permanente entrar e sair de um para o outro, como em Matrix. Somos o que comunicamos, o que compramos e o que vendemos na rede. E o Google sabe disso.

O transumanismo ou a criação de um ser humano artificial aparece em algumas reportagens jornalísticas e desponta como o grande desafio após a superação da desigualdade e da deterioração do planeta. A Inteligência Artificial (IA) aliada à engenharia genética, bioquímica e informacional pode nos levar a uma humanidade governada pelos algoritmos ou por uma minoria superinteligente e super-rica que exclui grandes massas de cidadãos empobrecidos. Humanos, robôs, ciborgues e humanoides em geral, um exército de servidores dos Big Brothers possuidores dos Big-data.⁶

Todos esses debates apontam para uma pergunta final: a do progresso ou do fracasso da humanidade... A desigualdade está crescendo, como diz T. Piketty, ou o mundo melhorou e devemos ser otimistas como mostra S. Pinker?

6 HARARI, Yuval Noah. 21 lições para o século 21. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

III. O PÓS-TEÍSMO, OUTRA FORMA DE CRER. “NÃO FARÁS PARA TI IMAGEM DE DEUS; OUVIRÁS A SUA VOZ”

Deixamos o Deus que criamos 8 ou 9 milênios atrás. Mais uma vez deixamos Deus por Deus e, como sempre, sem saber o que significa este termo. Quantas vezes fizemos isso! Permanentemente, para não congelá-lo em uma imagem, para não apertá-lo ou possuí-lo, porque então se rompe, morre, como uma bolha de sabão estoura só de beijá-la.

A grande inversão e a humilde conversão

A passagem para o pós-teísmo não surgiu do nada, nem é uma moda passageira. Em vez disso, deve ser entendida como uma conversão, uma troca da roupa íntima da alma. Algo que fizemos especialmente nestes três grandes momentos.

O chamado à perfeição

A maioria de nós vem de uma cultura religiosa muito fértil e insistente. E vivemos na infância e na juventude, os anos pré-conciliares, um catolicismo convencional e moralista, abstrato, uma experiência de submissão ao dever religioso e ao imperioso chamado da radicalidade evangélica confundida com santidade e perfeição, a necessidade de “fazer apostolado” e ir para as missões... e salvar almas do purgatório, hoje algoritmos.

Então Deus era absoluto e onipresente, e nos salvava, com o sacrifício, do intangível, mas sempre presente, pecado original e seus efeitos colaterais, os pecados mortais. No obstante, vivíamos seguros do céu. Deus era a garantia de que nunca nos faltaria o amor e que tudo tinha um significado além da realidade natural tão ambígua e mutável.

Essa religiosidade tradicional produzia grandes generosidades em virtude do seu dogmatismo, mas incorremos em idolatrias, ritualismos e absolutismos.

A libertação dos oprimidos

Muitos de nós abandonamos esse Deus com a descoberta dos pobres, na transição da salvação para a libertação. E como o Deus dos pobres nos parecia mais autêntico que o Deus da santidade, a passagem não soou como traição. E com o mesmo radicalismo aderimos aos sindicatos e partidos operários, aproximando o cristianismo da esquerda social e cultural. A passagem foi um tanto linear e fomos caindo na miragem de um Reino de Deus diretamente alcançável através de uma política de subversão. Nessa passagem tão pura, à imitação das primeiras comunidades, foi se deslizando, de maneira um pouco disfarçada, o abandono do teísmo espiritualista ou ritualista.

Nesse novo modelo, Deus era o grito dos pobres. A fraternidade prevalecia sobre a filiação sem qualquer hesitação. A salvação desceu do céu à terra, embora continuasse com semelhante dogmatismo e mesma generosidade. A piedade e a caridade, antes “filhas das visitas ao Santíssimo”, tornaram-se solidariedade e luta operária ou popular. O rosto de Deus já não estava

mais preso em um ostensório de ouro ou na hóstia do corpo de Jesus ou no cálice de seu sangue. Era intangível e estava livre na paixão emancipatória do povo. A ação de Deus não era mistério, mas compromisso.

A cidade secular

Paralelamente à vida da classe trabalhadora, nos bairros e na dura militância, a vida se desenvolvia na cidade secular, no pluralismo e na liberalização dos costumes, Dionísio versus Apolo, a fé em desacordo com a ciência, o pluralismo cultural e religioso relativizando nossos símbolos e sacramentos.

Na segunda conversão, passada a primavera do Vaticano II, o rosto de Deus ia sendo modulado em segundo plano por Teilhard de Chardin, Karl Marx, Friedrich Nietzsche e a teologia da morte de Deus, nessa ordem de acordo com sua periculosidade para a fé. Mas muito especialmente ouvimos os teólogos da secularidade, Bonhoeffer, Robinson, Cox, Tillich, ou da mística de baixo para cima de Légaut, por sua maior proximidade. Então o rosto de Deus foi ficando sem rosto.

Na crisálida pós-religiosa

Nos últimos cinco anos assistimos ao sepultamento de Deus, embora não tenha morrido, mas esteja sepultado, dando vida, não como um ente, mas sendo criatividade e emergência na própria realidade. Spong, Hick, Lenaers etc. sugerem que a vida “em Deus sem Deus” é vida no “amor cósmico originário”, não fruto da encarnação de um Deus e Jesus, uma pessoa como

nós, mas fonte de inspiração que sentimos como plenitude. Mas também alguns já estão em um pós-teísmo deste “amor cósmico originário”, talvez um eufemismo ou novo nome do antigo Theos.

Conto-lhes esta história:

Entrevistaram Julia, uma octogenária, faxineira, que sempre morou sozinha, confinada pela Covid-19 como todo mundo. E ela estava com sua vizinha, María Jesús, que cuida dela porque quer. O entrevistador agradeceu à vizinha por esse trabalho humanitário e ela respondeu:

- Agradecimentos não são necessários, isso nasce e sai.



“O Bom Samaritano” de Vincent Van Gogh, 1890.

Essa mulher não disse que estava fazendo isso por Deus, ou que vinha de Deus; nem que pertencia a um determinado grupo, nem fez um desabafo sobre sua experiência de fé. Simplesmente respondeu dizendo o que sentiu com toda a sua naturalidade e sem outras razões que o próprio fato. E, no entanto, não ocorre a ninguém negar que nesse simples gesto há todo um

mundo de valor e significado.

“Isso” nasce sem nome e não precisa necessariamente ser atribuído a um Deus. É uma expressão turva, alude ao excesso de nossa liberdade e até agora era frequentemente atribuída a um Deus que intervém do céu, que chamamos especificamente de Theos. Mas hoje prescindimos desse mito ou objetivação. Agora nos encontramos como náufragos diante de um horizonte sem figura caminhando como Jesus sobre o mar, em um pós-teísmo ativo, em um agnosticismo “in-amoroso”, imerso no amor, na era do nada (Peter Watson), na era do tudo em processo, cuidando do nosso habitat, o mesmo de todos os seres, matriz da vida e da sabedoria.

A ausência do Ente Supremo, o enigma do universo e a persistência do mal já não nos permitem uma crença clara, muito menos forte, em uma divindade exterior inteiramente boa, onde o mal é atribuído à natureza criada e à liberdade da criatura humana e a bondade em grau absoluto ao Deus invisível que se cala diante do mal. Ele sabe por que o faz, seus desígnios são inescrutáveis e escreve certo por linhas tortas.

O que nos sustenta é o desejo permanente de plenitude para todos. E, às vezes, a veemência desse desejo é tamanha que forma uma figura. Outras vezes fica-se em um silêncio de longo olhar ou escuta, “ouvirás sua voz”, ou exala um “oxalá” que vem do mais íntimo de nós e se manifesta em esperança e compaixão. “Ouvirás sua voz”, sentirás a emoção que te transfigura, o não saber apaixonado e o gemido dos vulneráveis.

A grande inversão e a humilde conversão

Chamo de “grande inversão” a substituição da narrativa religiosa por uma narrativa secular supratética; ao abandono da literalidade e do exclusivismo bíblico; à interpretação libertadora e pós-religiosa da mensagem de Jesus de Nazaré e à desconstrução do teísmo, essa imagem de Deus como “algo” ou “alguém” supremo e em outro mundo etéreo.

É um processo similar ao seguido pelo próprio Jesus em sua superação do judaísmo. Jesus transformou o conceito de pessoa religiosa, dispensou o culto, concentrou seu olhar nos mais fracos e usou linguagem popular e metafórica. Embora, como judeu e filho de seu tempo, tenha participado do teocentrismo e da religiosidade da época. Mas suas experiências interiores e sua compaixão o levaram a outro paradigma ético e espiritual que era especialmente novo na história.

As narrativas que nos comunicam essa vida e significado singulares de Jesus de Nazaré, independentemente de sua veracidade histórica ou não, anunciam um determinado modo de ser pessoa, um novo modelo de fraternidade. Uma coisa que foi rapidamente neutralizada pela cultura judaica e greco-romana desses primeiros séculos por questionar seu sistema sociopolítico e religioso.

Precisamos consertar a situação. Nas celebrações dominicais, na imprensa, nas declarações públicas, cartas e encíclicas podemos falar de algo melhor do que certas convicções baseadas em milagres, ressurreições e caminhos de redenção. Em vez disso, podemos mostrar a maravilha da nossa Grande História. Maravilhar-nos com as incontáveis estrelas, partículas e

neurônios, com a boa vontade, com o valor do perdão, da consolação, da civilidade e da ação pela justiça, a sintonia com a natureza e a compaixão com os necessitados, e recuperar de outra forma os grandes valores e descobertas da tradição religiosa, o cuidado emocional e intelectual da infância, as histórias mágicas que propedeuticamente iniciam o valor dos símbolos e da ação comunicativa... a conversação profunda... e todas essas atitudes sempre dentro da temporalidade sob a suspeita e o postulado da plenitude.

Estes são alguns pressupostos que, na minha opinião, devemos ter em conta na interpretação desses fatos e dessa mensagem:

Uma leitura não literal, mas metafórica, dos Evangelhos, dos relatos bíblicos e, em geral, de todos os textos ditos sagrados e das tradições religiosas, espirituais e humanísticas. A leitura adequada deve estender-se não apenas aos detalhes críticos das várias sequências ou livros, mas também à concepção subjacente da história, da razão, do tempo, das propriedades do real. Nesse campo, a ciência e o senso comum são os melhores intérpretes.

A complementaridade entre fé e ciência, o abandono do conceito de Revelação como verdade absoluta, como intervenção direta no conhecimento humano. O reconhecimento das ciências como ponto de partida para sustentar uma mística da compaixão ou da bondade incondicional. A fé não precisa estar à espreita do erro, mas a serviço da sabedoria. A fé está no processo do cientista, no seu afã de verdade, em sua curiosidade e no seu afã de contrastar, em sua paixão por abrir as fronteiras a um progresso universal e sustentável, em sua crítica à instrumentalização, ao mercantilismo e ao

“princípio tecnológico”, no prolongamento dos símbolos que nos dão sentido e “alma”. E a “verdade religiosa” não existe para corrigir.

A construção dessa mística e dessa práxis supraética de Jesus de Nazaré e de outros como ele, que não se centra tanto no moralismo, no narcisismo espiritual ou no voluntarismo político, mas na transcendência do amor cívico e pessoal fundado na autonomia da boa e bela vontade. A fé move montanhas; seu potencial simbólico, seu apelo à excelência pessoal e à utopia social levam ao compromisso sociopolítico, ao conhecimento crítico e à honestidade intelectual.

A confluência com outras éticas e religiões na ação humanizadora é uma tarefa que abrange a política institucional, a crítica antissistema e o cuidado com as pessoas. Estende-se do pequeno óbolo da viúva até as mais altas esferas das organizações internacionais.

A adoção da perspectiva “desde os pobres” como marco epistemológico e moral para uma reinterpretação mais sincera do cristianismo tal como foi revelado pela Teologia da Libertação (TL). A Teologia da Libertação entrou de cheio nas profundezas da injustiça como um verdadeiro inferno, como cruz da qual descer todos os oprimidos. Abandonou o magistério constantiniano, tridentino, escolástico e próprio do século XIX, e projetou o sentimento de divindade na libertação dos pobres. Desenvolveu uma espiritualidade “de baixo para cima”, da vida ao amor que nos ultrapassa e não do Deus soberano que redime de uma criação fracassada.

Trocar de roupa íntima

Esta humilde e grande conversão tece outra “roupa íntima” da alma ou da mente. Alguns entendem essa mudança de roupa como uma “conversão” moral, um resgate da fidelidade perdida na cultura pós-moderna, segundo critérios tradicionais que não ousam questionar. Aqui falo antes de uma mudança radical na nossa maneira de entender o conhecimento e a realidade e, como consequência de tudo isso, de uma nova interpretação do significado do Evangelho.

Outros dirão que isto não é o cristianismo e verão aqui uma redução dos valores sobrenaturais. Mas hoje a sociedade não compreende o domínio de um mundo abstrato sobrenatural e a alquimia religiosa. O sobrenatural é um existencial ou uma qualidade universal embutida na natureza humana e não precisa de acréscimos. Deus não está fora, em outro mundo e morto pelo ateísmo contemporâneo, mas enterrado no bom amor lutando para dar vida. Os belos interiores compartilhados e os corpos doloridos são os novos templos onde a mente canta e adquire asas para erguer os olhos e balbuciar o indizível. E o faz com mil mitos, práticas, sentimentos e ações muito distantes das aparições arcaicas, das revelações formais e das religiões de outro mundo.

Esta grande inversão dos nossos paradigmas só pode ser realizada com humildade e respeito. A partir de uma conversão não “neoconversa”, moderando o fragor da novidade e autocriticando-se, deixando-se refutar.

O pós-teísmo não destrói a religiosidade popular

Muita gente religiosa pensa que, se a religião for perdida, o mundo deixará de ter um fundamento para a verdade e sobretudo para a moral, tão necessária para salvaguardar a dignidade, a convivência social e o cuidado do planeta. A religião, e especificamente o catolicismo, soube construir um sistema muito bem-sucedido de experiência interior e forte motivação, de celebração e animação simbólica, de apelo à doação e sobretudo de formação, embora, isso sim, não crítica. Mas hoje, nestes tempos de democracia, autonomia e “materialismo simbólico”, após a “grande desconstrução” do teísmo e da religião, permanece o universal do amor sem saber por que e se valerá com certeza para alguma coisa.

Devemos ser muito respeitosos com os sentimentos sinceros do povo, mas também muito críticos com as práticas e os meios de comunicação enganosos. Atualmente, muitas práticas religiosas são, primeiramente, atos culturais, entretenimentos turísticos e gestos de integração social onde se marca o estatuto social. E o cuidado das pessoas e de todos os seres vivos, o amor cívico projetado na política e na economia do bem viver passam por outros canais. Não são excludentes, mas podem estar indicando estilos de vida mais típicos de uma direita ou esquerda moral.

Situemo-nos na perspectiva de uma mudança cultural para a sinceridade e a não profanação dos valores mais sagrados da nossa casa comum. Devemos denunciar delicadamente que a doutrina e o culto fazem parte de um grande erro, não importa quanto amor haja neles. Em vez do eclesiasticismo, pratiquemos o cosmopolitismo.

Já acabou o tempo em que cada qual fazia a sua Igreja, definia o seu Deus e defendia a sua Salvação. É hora de construir uma convenção mundial pela justiça, uma internacional da esperança, uma cidade para todos na qual cada pessoa e grupo consiga articular o dever cívico com o transbordamento do amor que uma determinada crença desperta. Somos comunidades humanas de esperança; no nosso caso, segundo Jesus.

A Internacional da esperança

Houve uma Internacional da igualdade promovida de forma “científica” e “organizada” pelo nosso amigo Karl Marx a partir das fraternidades utópicas de Fourier, Saint-Simon etc. Existe outra internacional, melhor chamada de “Igreja”, igualmente dividida ao longo da história e paralela a outras religiões semelhantes e que oferecem uma salvação diante da morte e do sofrimento.

Outra internacional ainda, nada definida, é a que podemos chamar de internacional da dignidade e do profissionalismo. Não se identifica nem com a religião nem com a política. Ela é formada por pessoas boas, liberais e mais ou menos agnósticas. Confiam pouco na política e respeitam a religião mesmo quando a consideram relativa.

E há também uma nova internacional que vai se constituindo após a crise das religiões e dos partidos políticos, mais popular que a anterior e que se estende desde os movimentos alternativos e antissistema até os grupos institucionais que atuam nas organizações internacionais e nas ONGs. É uma internacional da solidariedade, da igualdade, do feminismo e do cuidado

com o planeta. Cada dia mais vigorosa e convergente. Jovem, generosa, que arrisca a vida e a saúde com os refugiados, as epidemias, a violência de gênero, os ataques ao meio ambiente, a defesa dos direitos humanos e as guerras.

A integração de todas essas internacionais passo a passo poderia muito bem ser chamada de “Internacional da esperança”. Na esperança, todos nos encontramos, independentemente das crenças, ideologias ou conhecimentos que tivermos. Uma grande onda em que muitos náufragos remam, sem saber bem para onde vão e por quê.

Espeleologia da esperança e mineração do coração

Eu uso este termo “espeleologia” de modo bem intencional. À religião e à teologia desorbitadas em sua indagação sobre Deus ou sobre a hermenêutica da Revelação corresponde antes a espeleologia do coração humano, uma socioantropologia das transcendências que se abrem na consciência, sem um “a priori” teísta ou ateu. Kant dizia que o âmbito próprio da religião é o da esperança. É aí que devemos trabalhar. Descobrir filões que abram a imanência e rompam a impossibilidade de falar de Deus; essa intermitência paradoxal de ausência e presença do sublime como o elétron incerto, ora partícula, ora onda, ora aqui, ora acolá, onipresente. Porque a esperança só pode ser atrativa. Como podemos nos entusiasmar com o que nos ultrapassa quando é anunciado a partir de um sofrimento forçado ou uma “missão impossível”? A função da mística e do pós-teísmo é animar a esperança.

Aqui estão alguns filões de esperança:

O impulso natural da vida que nos leva a sair e a nos expandir constitui o primeiro vislumbre de esperança surgido na escuridão da energia cósmica e leva à maravilha da consciência e do amor. O bem-estar, a saúde e a alegria de viver que muitas pessoas já desfrutam, mesmo com recursos limitados e conscientes da temporalidade, abre a possibilidade de que todos também possam alcançá-los. Possibilidade de outra forma impossível sem um compromisso sério.

Outra lâmpada é a da resistência das virgens prudentes. Os relatos míticos das grandes tradições e dos pequenos poetas, misturados de luz e sombra, de utopia e realismo, são também pequenas fogueiras que iluminam humildemente a noite dos povos. As descobertas científicas, as pinceladas do artista, os sentimentos místicos, as solidariedades compartilhadas, são outras tantas aberturas que a espeleologia explora.

Também são fonte de esperança as resistências e as esperas intermináveis em tantos cantos do planeta e que não terminam; o enorme esforço pela justiça, pelo cuidado do planeta, pela democracia, pela igualdade de gênero e pela acolhida de imigrantes e refugiados. Há ali amor. Existe amor e não, ao contrário, nada ou ódio.

É hora de continuar indagando e explorando na esperança de descobrir transcendências percorrendo galerias e passagens difíceis. Entrar bem oxigenados nas profundezas sufocantes do sofrimento, nas abóbadas enegrecidas pela fumaça dogmática. Não na vida das estrelas, mas nas vidas estreladas. Vasculhar no caracol da consciência e na espiral do cosmos, nos novos

emaranhados da política ou das relações pessoais, todos lugares enigmáticos e sem fundo.

E esse aprofundamento, esse cavar nos filões do enigma nos sugere outra bela imagem: a mineração da compaixão. O mineiro bate repetidas vezes na matéria dura como Moisés bateu na rocha, em busca da água ou do mineral. Entra na realidade profunda, onde convergem a consciência sentimental e o “rosto” do outro, a beleza e o sofrimento; e da comunhão do sofrimento e da alegria, nas profundezas da mina, nasce o amor universal que tudo envolve. Porque amar é compadecer-se e ir ao fundo da própria ninharia (Unamuno) e descobrir que “toda verdade e beleza vêm de dentro” (Agostinho de Hipona), das profundezas da “alma”, onde se acumulam fossilizados os restos pré-históricos e recentes de uma humanidade que sofre, goza e dá sua vida em um processo milenar de vida e morte.

La Global e as comunidades humanas proféticas

Falo-lhes de forma breve e imaginativa sobre o espaço comum que as paróquias poderiam ser: centros de um humanismo inspirado em Jesus de Nazaré, *“lugares de encontro, de oração, de formação, de reflexão... onde os diferentes grupos... possam reunir-se e programar suas atividades: celebrações, cuidado dos pobres, atividades artístico-culturais etc., articulação de comunidades e com outros centros”*.⁷

São cinco da manhã. Eu tenho que ir para entregar o jornal e minha cabeça está como um bumbo! Ontem saí com

7 Redes Cristianas. España. Por una Iglesia posible y necesaria en España. <http://www.redescristianas.net/wp-content/uploads/2022/03/Documento-FINAL-para-difundir.pdf> Documento para o Sínodo.

meus colegas e com a última cerveja, já um pouco bêbados, me perguntaram o que eu ia fazer depois da partilha... bem, como sempre, eu respondi, aproximar-me de “La Global”. E agora, já no meu caminho, vou cantando e recordando uma música da minha infância... “Um balão, dois balões, três balõões”... porque havia um balão vermelho que voou na revolução, um balão violeta que inflou há alguns anos, um balão azul na estratosfera, mar de serenidade; um balão branco na minha cabeça que ouve atentamente e fala devagar, e há a sombra da árvore e a minha que se contagia de verde ao entrar em “La Global”...

Sem um emprego fixo, com quatro cachorras, por pouco não sou despejado da vida. Não encontro mais abrigo, casa ou lar. Todos os pais mortos, as mães sem leite, as histórias sem certezas. A minha já é incerteza. Heisenberg já me disse isso, mas não consegui ouvi-lo. Me vejo como um naufrago no reino dos mares, sem saber onde estão as chaves. Ali me mostram como chegar depois de tantas críticas a uma segunda ingenuidade ou a ter confiança na bondade do ser humano.

La Global é outra casa do povo, mas diferente; não é uma igreja ou um fã-club de eternidade, nem um lugar de magia ou de compras, de receitas de culinária moral, boutique de crenças de moda ou clínica de autoajuda, mas a ela acodem muitas e diferentes pessoas. Parece mais um centro cívico, cheira a carinho e não a diesel, dinheiro ou água benta. Sonhos voam por seu teto e sobre suas mesas pousam papéis de propostas de um mundo melhor.

No meio da manhã, virá um grupo de meninas da escola primária. Dois jornalistas do suplemento de ciências montaram uma exposição sobre o cérebro e as emoções... À tarde, tomarei um café com as faxineiras do Clínico que vêm fazer um cartaz. Na sala ao lado um grupo inter-religioso está me-

ditando, e ao fundo vejo as caixas de legumes de “La huerta en casa”. No bar, não tem televisão para assistir aos jogos... às vezes faz falta... os bem-vestidos jogam um jogo de mesa e me aproximei para vê-los. E não deixo de contar-lhes que no andar de cima há espaços de coworking, crowdfunding e sambanding para ONGs que não têm onde cair vivo... E ao anoitecer vou jantar com os companheiros da “Ítaca acoge”. Gosto especialmente daqueles vestidos africanos com cocares de rainha mourisca que de vez em quando embrulham uma cabeça de grão de café com um sorriso no meio.

De vez em quando montamos um flash-mob e vamos a um shopping ou ponto estratégico de uma praça ou rua e embelezamos as pessoas com uma música ou um mimo que as movem à bondade... É o fruto das nossas celebrações. Sentimos um “não sei o que que nos enche de felicidade e desejos de realização” ...

.../...

As comunidades humanas da vida

As Comunidades Humanas de Base são uma proposta de realização pluralista desta nova sociedade laica. Elas encarnam o que nós entendemos por Reino de Deus. É o que Aloysius Pieris faz na Ásia, num contexto budista e hinduísta. Nestas CHBs “os coperegrinos expõem as suas respectivas escrituras, recontando a história de Jesus e Gautama num diálogo sincero que faz arder o coração (Lc 24, 32) [...] O espírito e a tradição de cada religião sobre... a causa dos camponeses, trabalhadores, mulheres, tribos... podem levar a uma ação conjunta e fornecer razões profundas”. Eles expõem seus problemas e o trabalho conjunto nos bairros e depois cada um se expressa de acordo com suas

crenças ou ideologia.

Também no nosso país podem ter uma certa expressão em grupos de ação sociopolítica, onde nós cristãos temos em comum com marxistas, alternativos, terceiro-mundistas, católicos ou ex-católicos e outros, o compromisso de superar a injustiça. “Os membros cristãos e não cristãos lutam juntos pelo alvorecer da humanidade plena.”

Seremos capazes de criar instrumentos e meios tão consistentes quanto os construídos pelas religiões neste outro axioma secular do amor cívico da gratuidade? Esse novo axioma de uma “transcendência” incerta e de baixo para cima também envolve alguns instrumentos “fracos”, diversos no tempo, lugar, cultura e intensidade? Os seminários, os retiros, as longas horas de oração, a evangelização, a formação... como recuperar essa intensa atividade religiosa a partir de um paradigma secular? São o cinema ou a literatura de autor, as canções de protesto, as ONGs, os fóruns e as cúpulas globais, os grupos de resistência e as comunidades, as redes sociais etc. as novas formas laicas de uma “supraética” ou “religiosidade natural”?

IV. O HUMANISMO PÓS-TEÍSTA. “OUTRO MUNDO É POSSÍVEL” (FÓRUM SOCIAL MUNDIAL)

Por um humanismo aberto e libertador

Não se trata de inventar outra religião ou de anunciar uma proposta humanista em uma perspectiva meramente científica, nem mesmo de uma ética neutra, embora, sim, coerente com os dados das ci-

ências e com os requisitos éticos mínimos e máximos. Não seremos os primeiros neste caminho nem representaremos uma posição unânime.⁸

Este humanismo que propomos é um relato bioecocêntrico com suficiente respaldo científico, que explica o surgimento de organismos vivos de crescente complexidade estrutural e funcional com novos atributos ou capacidades. Os seres humanos adquiriram uma incrível capacidade de autotransformação. Constituídos em sociedade, e graças à sua capacidade de gerar, partilhar e acumular conhecimento, têm demonstrado um poder crescente de intervenção sobre as próprias sociedades humanas, sobre a biosfera de que estas fazem parte e dos ecossistemas que as abrigam.

Em uma sociedade cada vez menos religiosa, compartilhamos, no entanto, uma crescente consciência do valor da vida e da insustentabilidade que a ameaça. Precisamos de uma verdadeira mudança civilizacional. Cabe a cada um mergulhar em uma história e uma práxis que mobilize ainda mais pessoas e grupos sociais para que, a partir de suas próprias concepções científicas e simbólicas do mundo, assumam ativamente sua parcela de responsabilidade global. Nós o chamamos de modelo bioecocêntrico.⁹

Rezar no pós-teísmo. Revistam-se de bondade e beleza

8 Do documento “Por um humanismo bioecocêntrico e libertador” <https://ihu.unisinos.br/categorias/618890-por-um-humanismo-bioecocentrico-e-libertador-qual-e-a-nossa-contribuicao-enquanto-seguidores-de-jesus-de-nazare> (G. González, Emma M. Ocaña, S. Villamayor, T. Brun, J. Arregi, E. Támez).

9 GONZÁLEZ, Gerardo. Nuestra responsabilidad global: Hacia un humanismo bio-eco-céntrico. Academia.edu., 2019.

“Se não há um Deus lá em cima, como podemos elevar nossas orações aos céus?”

A oração tem sido geralmente entendida como comunicação com a divindade e um meio privilegiado para alcançar a santidade ou a perfeição pessoal. Hoje, a oração parece um tanto pretensiosa e fica no encontro com o fundo incondicional do próprio ser. Seus benefícios são extensos e recompensadores. Apesar disso, o sentimento da divindade já não é uma convicção forte e a busca de um encontro ou fusão com esse Ser, toda bondade e poder, perde validade. No máximo, buscam-se fórmulas para o desenvolvimento da espiritualidade.

No pós-teísmo, rezar não é mais deixar este mundo para encontrar em um ser superior a compreensão e o bem-estar definitivo; trata-se antes, e humildemente, de encontrar a dimensão profunda do próprio ser. Mais do que criatura de Deus, o ser humano atual sente-se o criador de Deus, tomado por uma incondicionalidade que brota da bondade que aflora quando o coração se engrandece. A oração está mais próxima de uma demonstração do desejo de bondade e infinitude; como um encontro com “o mais íntimo da nossa intimidade” (Agostinho) consciente de que muitas noites “quando dormimos, sonhamos, bendita ilusão!, que uma nascente flui dentro do nosso coração” (A. Machado). Qualquer nobre atitude cívica, qualquer desenvolvimento pessoal e, sobretudo, a doação gratuita de uns para os outros, para além do mero viver ou da devida responsabilidade, não se sustenta sem o amor e a memória compassiva que nasce no silêncio.

Quando alguém se põe a rezar, sempre se pergunta se faz sentido “perder o tempo” sussurrando consigo

mesmo, se realmente é ouvido, se pedir ajuda vai ser eficaz, se o agradecimento chega a alguém. As pessoas desconfiam de um Tu que parece um Eu desdobrado e de uma atividade passiva que não atinge seu objetivo. Com a oração, a meditação, o silêncio ou a contemplação a pessoa se sente mais serena, mais apropriada, mais embebida de uma atmosfera de carinho por tudo, receptora de uma emanção de bondade que absorve e dinamiza tudo o que toca; ela se sente bonita e viva, ultrapassando suas vulgaridades. A incompreensão que sempre nos acompanha, o enigma da existência, é sentido poeticamente como um aconchegante mistério envolvente.

Socialmente falando, a ética, a filosofia e a ciência não nos bastam. Faltam-nos motivação e magnanimidade. O problema do mal é insolúvel e seu combate é de trincheiras. Essas escavações ou cavernas onde o medo e a covardia correm de vala em vala. Onde as perguntas limite continuamente nos espreitam qual fogo inimigo. Precisamos esquecer a incompreensão, submergir essa inquietação permanente diante da morte, da dor e dos estragos da limitação em um mar de confiança. Assim é a consciência humana.

A felicidade também se constrói sem pretensões. Ela nos é dada inicialmente na vida senciente, mas devemos estar preparados. E por tudo isso precisamos nos recolher. Observar que todas as ambições, invejas, presunções e más vontades desaparecerão sem combate especial. Que a generosidade se dá sem querer e que todos os rostos aparecem livres das pequenas inimizades de cada dia. E isso não por uma violência da vontade contra nós mesmos, mas pelo prazer emocional que tudo eleva.



Alfredo Castañeda. "Perdón y Florecimiento". Cortesia da Família Castañeda

Por isso, onde quer que esteja, se se sentir confortável, largue tudo que tem em suas mãos, “sente-se”, porque pode ser um chamado, e não faça nada nem queira nada. Logo aparecerá em suas entranhas a cabecinha quieta de uma consciência diferente, um novo ser, uma como que solidão acompanhada, uma pergunta sem interrogação, um o que estou fazendo aqui ou com tudo isso, distante do que o ocupava até este momento. O silêncio fará sua mente crescer para dentro como se fosse um deserto úmido recém-semeado, uma terra onde o frio força o trigo mal germinado a crescer pela raiz, sem ostentação – então virão e serão múltiplos e exuberantes.

Traga à sua mente lembranças de momentos e en-

contos felizes, não os deixe passar sem que se sinta abraçado por eles e quando a alegria tranquila de apenas se sentir bem tomar conta de você, um desejo mais nobre de bondade surgirá naturalmente, porque no fundo somos isso: verdadeira e bela bondade.

Sinta-se o mais feliz possível; não é injusto porque ao mesmo tempo outros estejam sofrendo. Se você se lembrar de pessoas que sofrem, assume sua dor. Sinta-se agraciado e grato. Ali crescerão em você todas as intenções de devolver essas felicidades aos outros, as perdidas ou roubadas. Rezar é regar a “alma”, embeber o biscoito que somos no doce vinho da intemporalidade, na lagoa da boa vontade, e deixar que escorra.

Este novo sentimento é formado por múltiplos fios entrelaçados: de gratidão, desejo de bem, grandeza de espírito, confiança, compaixão, alegria etc. Nele, o egoísmo e a inveja desapareceram, a raiva se dissolveu, a ambição se extinguiu, tudo parece fácil, o ressentimento se oxigena e evapora, não há mais inimigos, e se algo parece resistir a essa massa etérea de quietude, logo é assimilado. A generosidade e a graça, essa mistura de bom humor e espírito, tomaram conta de você. Você se perdeu no silêncio e o Silêncio encontrou você.

Você sairá novo dessa experiência. Sairá com o desejo de viver e dar a vida. Faça isso, vá ao encontro dos outros. Coloque-se no lugar dos mais fracos, percorra suas condições de vida, sua grandeza e suas limitações. Dê-lhes nomes próprios e deixe-os passar pelo seu olhar sentimental. E entorne-se com a mesma gratidão que o domina. Alterne e reconcilie a compaixão com a lembrança de tudo de bom que está acontecendo, tudo que tem, é e acontece no mundo, e deixe-se levar pelo prazer e pela compaixão que o aproximam

da sublimidade e o convidam à ação. Não demore, o sol está prestes a nascer.

A inspiração que nasce da história de Jesus

A teologia do século passado faz uma distinção entre o Jesus histórico e o Cristo da fé. No primeiro, procura descobrir quais palavras e atos são verdadeiros, a fim de fornecer uma base real para a afirmação de sua divindade e posterior adesão crente. E o Cristo da fé é então o Jesus histórico exaltado como Messias, Filho de Deus e Redentor.

É assim que os Evangelhos, escritos à maneira judaica por cristãos da segunda geração que não viveram com Ele, são apresentados. Também por São Paulo, que não conheceu Jesus e, no entanto, é o autor ou inspirador dos primeiros relatos, os Atos e algumas cartas. Neles elabora uma primeira teologia da Redenção influenciada pela filosofia grega e fundada na Morte e Ressurreição. A Ressurreição de Jesus explica e justifica o caráter absoluto e único da verdade cristã e sua superioridade sobre a razão, as outras religiões, a lei e a autoridade civil.

A interpretação que fazemos aqui é diferente. Não podemos saber quem foi historicamente Jesus de Nazaré, pois os relatos mais antigos e completos já são mediados pela fé e pela cultura judaica e greco-latina. E, sobretudo, pela veneração dos primeiros discípulos. Não conhecemos somente um Jesus da história; ele sempre será um Jesus da fé, a fé das primeiras comunidades e de todas as outras que foram reinventando sua figura: Jesus profeta, zelote, místico, ativista, monge, celibatário, curador e mestre, Filho de Deus e até

militar nas cruzadas; papa, imperador pantocrator ou guerrilheiro. Ou seja, um Cristo construído na história. Ungido ou universalizado pela multidão de crentes. Jesus foi sendo construído como um Cristo ao ser elaborado pela cultura e devoção de cada época. É o Cristo da história.

Pois bem, a figura de Jesus que prevaleceu é a do Cristo Filho de Deus. E com ela, a imagem do Deus onipotente e trinitário dominou essa outra imagem de compaixão e transbordamento chamada “Pai”. O Theos foi se tornando hegemônico paralelamente à constituição de uma Igreja como poder terreno. O movimento de Jesus torna-se religião. Mas o Jesus da boa-nova ou Evangelho não aparece tanto como uma pessoa muito “religiosa” ou um “judeu piedoso”; antes, aproxima-se da imagem de um “a-Theos”, de um crítico da adesão judaica a Javé, o Deus imperante. Por isso, os sacerdotes e escribas o rejeitaram e pediram sua crucificação.

Não estamos tão preocupados aqui com a concretude com que esses fatos são descritos; muitos são recriações literárias, mas com seu significado e mensagem. O que significa, do nosso ponto de vista, que Jesus foi o criador de uma nova espiritualidade afastada do legalismo e centrada no Deus dos pobres. Jesus abandonou a imagem de Javé e encontrou a do Pai: “Vocês ouviram o que foi dito... mas eu lhes digo”, “adorem em espírito e verdade”, “não é o homem que foi feito para o sábado” etc.

Nesse sentido, Jesus é de fato um pós-teísta. Com Jesus morre o Deus do Antigo Testamento e rasga-se o véu do judaísmo. Jesus recriou o Deus que o criou, aquele que lhe foi transmitido na infância e o ajudou a crescer e forjar sua missão. Esta é a minha leitura sobre

a história de Jesus.

Esta visão de um Jesus saindo da religião é menos poderosa que a do Filho de Deus e não fundamenta nenhum sistema de poder. Jesus de Nazaré não terá o mesmo poder que a exaltada figura do Cristo Ressuscitado, o próprio Deus, alimentado por todos os recursos milagrosos e econômicos de uma igreja “como Deus manda”. Mas é um Cristo mais universal e mais bem compreendido. Agora não há mais pertencimentos unívocos e rígidos a nenhuma instituição ou credo, nenhuma imagem absoluta e única do divino. Jesus não é um absoluto a ser defendido, mas um singular muito representativo do melhor humano.

Nascidos na tradição cristã, podemos encontrar nos seus “relatos fundadores” estímulos vitais ou “inspirações” para responder aos grandes desafios do nosso mundo. Jesus de Nazaré, sem ser a figura única ou perfeita ou superior às demais, pode ser uma referência de grande importância (José Arregi). E nos referimos ao “Jesus dos relatos” elaborados nas primeiras comunidades cristãs e recolhidos fundamentalmente nos Evangelhos (tanto canônicos como “apócrifos”). Fazemos uma leitura inspiradora não literal, que quer ser coerente com os diversos saberes da atualidade.

Síntese

Na minha opinião, o teísmo constitutivo dos mono-teísmos e as religiões do livro distorceram a inspiração fundante. Fizeram dela uma doutrina e uma filosofia dogmática e impositiva. Reificaram a chamada Revelação e priorizaram um valor de verdade, dominante, acima do conhecimento humano. No nosso

caso, a Bíblia foi absolutizada e sua “alma” foi interpretada de forma tão realista que eclipsou sua profunda sabedoria. O literalismo a matou e fundou um grande erro mesmo vivido com um grande amor. As novas concepções da Grande História apresentam um modelo mais universalista e, dentro de sua perspectiva mítica, oferecem uma cosmovisão mais plausível. Em vez de uma história sagrada particular de um determinado povo, prioriza-se a história universal, cósmica e cotidiana. Resta, no entanto, construir o poema que a nutre e lhe dá vida.

O pós-teísmo foi suscitado pelas novas concepções epistemológicas e ontológicas. Pelo pluralismo em que se manifesta hoje a razão humana e pela compreensão mais difusa da religiosidade ou da espiritualidade humana. Não podemos abrir mão dessas mudanças e, portanto, a perspectiva excessivamente sobrenaturalista deve dar lugar a um humanismo centrado na vida, na libertação social, no cuidado do planeta como casa comum, sem cair na antiga visão da peregrinação por este vale de lágrimas.

Em vez de fazer imagens concretas do divino ou do sublime, é melhor ouvir sua voz. O Deuteronomio e muitos místicos nos recordam isso. Ouvir todas as vozes que nos falam sobre a profundidade da realidade, pois não existe uma única e imutável Palavra de Deus. Dar valor a tudo que vivemos. Esta é a nossa passagem ou mudança de paradigma crente. Uma passagem ou páscoa laica. Já a experimentamos quando da Teologia da Libertação e da secularização. É outra troca da roupa íntima da alma, isto é, dos seus axiomas e esquemas colados à sua pele e tão projetados nas suas múltiplas roupas.



Na ordem prática proponho uma “Internacional da esperança” ou confluência de todos os humanismos e religiões. Precisaremos, como os espeleólogos, procurar os filões da esperança em meio a desastres, guerras e desigualdades, nas cavernas da vulnerabilidade humana e da natureza. Não desprezaremos nenhuma das práticas que a humanidade teve até agora para atingir esses fins, mas vamos invertê-las, dessacralizaremos suas expressões e nos revestiremos da boa e bela razão em um círculo virtuoso de criação do sublime que nos cria.

Por fim, em continuidade com a nossa tradição, apresentaremos o Jesus da fé dos primeiros discípulos como inspiração para essa passagem, deixando de lado os detalhes da primeira reconstrução histórica e de sua posterior divinização, proclamada de forma interessante pelos hierarcas e imperadores.

Santiago Villamayor



Nascido em Huesca no ano de 1947. Graduou-se em Filosofia e Letras pela Universidade de Valencia. Foi ativista do movimento trabalhista e cidadão, participando intensamente da luta antifranquista nas comunidades cristãs de base de Zaragoza. Estudou teologia por alguns anos na missão trabalhista com os jesuítas.

Hoje faz parte de um grupo de pesquisa sobre pós-religião e pós-teísmo e participou da publicação do livro de Roger Lenaers, “Jesus de Nazaré, uma pessoa como nós?”. Villamayor também se dedica ao cuidado do meio ambiente e reflorestamento na agroindústria familiar. Colabora na divulgação de debates sobre os novos paradigmas comuns às religiões e humanismos.

Autor de livros didáticos de filosofia para o ensino médio e diversos artigos e livros na coleção *Nuevo Tiempo Axial* com a coordenação de José María Vigil (Servicios Koinonía y Colección, 2020).

Entre outras publicações, destacam-se: “*Del nacionalcatolicismo al postcristianismo. Las comunidades de base en España y la teología de la liberación*”, artigo publicado na Revista VOICES, Theological Journal of EATWOT, the Ecumenical Association of Third World Theologians (2017); “*Qué puede aportar el evangelio hoy en la sociedad actual*”, artigo publicado no VII Encuentro de Redes Cristianas em outubro de 2021; e “*Después De Dios Otro Modelo Es Posible*”, artigo publicado no 3º volume da coleção *Nuevo Tiempo Axial* (Servicios Koi-



nonía y Colección, 2021).

ARTIGOS DE SANTIAGO VILLAMAYOR PUBLICADOS PELO IHU

- [O desafio do pós-teísmo. Artigo de Paolo Gamberini](#)
- [Pablo Richard e a questão da leitura bíblica](#)
- [O debate sobre o “Deus que perdemos”:
uma síntese](#)

EVENTOS COM SANTIAGO VILLAMAYOR NO IHU

- [O pós-teísmo como superação dialética do
teísmo](#)



CADERNOS TEOLOGIA PÚBLICA

- N. 1 Hermenêutica da tradição cristã no limiar do século XXI – Johan Konings, SJ
- N. 2 Teologia e Espiritualidade. Uma leitura Teológico-Espiritual a partir da Realidade do Movimento Ecológico e Feminista – Maria Clara Bingemer
- N. 3 A Teologia e a Origem da Universidade – Martin N. Dreher
- N. 4 No Quarentenário da Lumen Gentium – Frei Boaventura Kloppenburg, OFM
- N. 5 Conceito e Missão da Teologia em Karl Rahner – Érico João Hammes
- N. 6 Teologia e Diálogo Inter-Religioso – Cleusa Maria Andreatta
- N. 7 Transformações recentes e prospectivas de futuro para a ética teológica – José Roque Junges, SJ
- N. 8 Teologia e literatura: profetismo secular em “Vidas Secas”, de Graciliano Ramos – Carlos Ribeiro Caldas Filho
- N. 9 Diálogo inter-religioso: Dos “cristãos anônimos” às teologias das religiões - Rudolf Eduard von Sinner
- N. 10 O Deus de todos os nomes e o diálogo inter-religioso – Michael Amaladoss, SJ
- N. 11 A teologia em situação de pós-modernidade – Geraldo Luiz De Mori, SJ
- N. 12 Teologia e Comunicação: reflexões sobre o tema – Pedro Gilberto Gomes, SJ
- N. 13 Teologia e Ciências Sociais – Orivaldo Pimentel Lopes Júnior
- N. 14 Teologia e Bioética – Santiago Roldán García
- N. 15 Fundamentação Teológica dos Direitos Humanos – David Eduardo Lara Corredor
- N. 16 Contextualização do Concílio Vaticano II e seu desenvolvimento – João Batista Libânio, SJ
- N. 17 Por uma Nova Razão Teológica. A Teologia na Pós-Modernidade – Paulo Sérgio Lopes Gonçalves
- N. 18 Do ter missões ao ser missionário – Contexto e texto do Decreto Ad Gentes revisitado 40 anos depois do Vaticano II – Paulo Suess
- N. 19 A teologia na universidade do século XXI segundo Wolfhart Pannenberg – 1ª parte – Manfred Zeuch
- N. 20 A teologia na universidade do século XXI segundo Wolfhart Pannenberg – 2ª parte – Manfred Zeuch
- N. 21 Bento XVI e Hans Küng. Contexto e perspectivas do encontro em Castel Gandolfo – Karl-Josef Kuschel



- N. 22 Terra habitável: um desafio para a teologia e a espiritualidade cristãs – Jacques Arnould
- N. 23 Da possibilidade de morte da Terra à afirmação da vida. A teologia ecológica de Jürgen Moltmann – Paulo Sérgio Lopes Gonçalves
- N. 24 O estudo teológico da religião: Uma aproximação hermenêutica – Walter Ferreira Salles
- N. 25 A historicidade da revelação e a sacramentalidade do mundo – o legado do Vaticano II – Frei Sinivaldo S. Tavares, OFM
- N. 26 Um olhar Teopoético: Teologia e cinema em O Sacrifício, de Andrei Tarkovski – Joe Marçal Gonçalves dos Santos
- N. 27 Música e Teologia em Johann Sebastian Bach – Christoph Theobald
- N. 28 Fundamentação atual dos direitos humanos entre judeus, cristãos e muçulmanos: análises comparativas entre as religiões e problemas – Karl-Josef Kuschel
- N. 29 Na fragilidade de Deus a esperança das vítimas. Um estudo da cristologia de Jon Sobrino – Ana Maria Formoso
- N. 30 Espiritualidade e respeito à diversidade – Juan José Tamayo-Acosta
- N. 31 A moral após o individualismo: a anarquia dos valores – Paul Valadier
- N. 32 Ética, alteridade e transcendência – Nilo Ribeiro Junior
- N. 33 Religiões mundiais e Ethos Mundial – Hans Küng
- N. 34 O Deus vivo nas vozes das mulheres – Elisabeth A. Johnson
- N. 35 Posição pós-metafísica & inteligência da fé: apontamentos para uma outra estética teológica – Vitor Hugo Mendes
- N. 36 Conferência Episcopal de Medellín: 40 anos depois – Joseph Comblin
- N. 37 Nas pegadas de Medellín: as opções de Puebla – João Batista Libânio
- N. 38 O cristianismo mundial e a missão cristã são compatíveis?: insights ou percepções das Igrejas asiáticas – Peter C. Phan
- N. 39 Caminhar descalço sobre pedras: uma releitura da Conferência de Santo Domingo – Paulo Suess
- N. 40 Conferência de Aparecida: caminhos e perspectivas da Igreja Latino-Americana e Caribenha – Benedito Ferraro
- N. 41 Espiritualidade cristã na pós-modernidade – Ildo Perondi
- N. 42 Contribuições da Espiritualidade Franciscana no cuidado com a vida humana e o planeta – Ildo Perondi



- N. 43 A Cristologia das Conferências do Celam – Vanildo Luiz Zugno
- N. 44 A origem da vida – Hans Küng
- N. 45 Narrar a Ressurreição na pós-modernidade. Um estudo do pensamento de Andrés Torres Queiruga – Maria Cristina Giani
- N. 46 Ciência e Espiritualidade – Jean-Michel Maldamé
- N. 47 Marcos e perspectivas de uma Catequese Latino-americana – Antônio Cechin
- N. 48 Ética global para o século XXI: o olhar de Hans Küng e Leonardo Boff – Águeda Bichels
- N. 49 Os relatos do Natal no Alcorão (Sura 19,1-38; 3,35-49): Possibilidades e limites de um diálogo entre cristãos e muçulmanos – Karl-Josef Kuschel
- N. 50 “Ite, missa est!”: A Eucaristia como compromisso para a missão – Cesare Giraud, SJ
- N. 51 O Deus vivo em perspectiva cósmica – Elizabeth A. Johnson
- N. 52 Eucaristia e Ecologia – Denis Edwards
- N. 53 Escatologia, militância e universalidade: Leituras políticas de São Paulo hoje – José A. Zamora
- N. 54 Mater et Magistra – 50 Anos – Entrevista com o Prof. Dr. José Oscar Beozzo
- N. 55 São Paulo contra as mulheres? Afirmação e declínio da mulher cristã no século I – Daniel Marguerat
- N. 56 Igreja Introversa: Dossiê sobre o Motu Proprio “Summorum Pontificum” – Andrea Grillo
- N. 57 Perdendo e encontrando a Criação na tradição cristã – Elizabeth A. Johnson
- N. 58 As narrativas de Deus numa sociedade pós-metafísica: O cristianismo como estilo – Christoph Theobald
- N. 59 Deus e a criação em uma era científica – William R. Stoeger
- N. 60 Razão e fé em tempos de pós-modernidade – Franklin Leopoldo e Silva
- N. 61 Narrar Deus: Meu caminho como teólogo com a literatura – Karl-Josef Kuschel
- N. 62 Wittgenstein e a religião: A crença religiosa e o milagre entre fé e superstição – Luigi Perissinotto
- N. 63 A crise na narração cristã de Deus e o encontro de religiões em um mundo pós-metafísico – Felix Wilfred
- N. 64 Narrar Deus a partir da cosmologia contemporânea – François Euvé



- N. 65 O Livro de Deus na obra de Dante: Uma releitura na Baixa Modernidade – Marco Lucchesi
- N. 66 Discurso feminista sobre o divino em um mundo pós-moderno – Mary E. Hunt
- N. 67 Silêncio do deserto, silêncio de Deus – Alexander Nava
- N. 68 Narrar Deus nos dias de hoje: possibilidades e limites – Jean-Louis Schlegel
- N. 69 (Im)possibilidades de narrar Deus hoje: uma reflexão a partir da teologia atual – Degislando Nóbrega de Lima
- N. 70 Deus digital, religiosidade online, fiel conectado: Estudos sobre religião e internet – Moisés Sbardelotto
- N. 71 Rumo a uma nova configuração eclesial – Mario de França Miranda
- N. 72 Crise da racionalidade, crise da religião – Paul Valadier
- N. 73 O Mistério da Igreja na era das mídias digitais – Antonio Spadaro
- N. 74 O seguimento de Cristo numa era científica – Roger Haight
- N. 75 O pluralismo religioso e a igreja como mistério: A eclesiologia na perspectiva inter-religiosa – Peter C. Phan
- N. 76 50 anos depois do Concílio Vaticano II: indicações para a semântica religiosa do futuro – José Maria Vigil
- N. 77 As grandes intuições de futuro do Concílio Vaticano II: a favor de uma “gramática gerativa” das relações entre Evangelho, sociedade e Igreja – Christoph Theobald
- N. 78 As implicações da evolução científica para a semântica da fé cristã – George V. Coyne
- N. 79 Papa Francisco no Brasil – alguns olhares
- N. 80 A fraternidade nas narrativas do Gênesis: Dificuldades e possibilidades – André Wénin
- N. 81 Há 50 anos houve um concílio...: significado do Vaticano II – Victor Codina
- N. 82 O lugar da mulher nos escritos de Paulo – Eduardo de la Serna
- N. 83 A Providência dos Profetas: uma Leitura da Doutrina da Ação Divina na Bíblia Hebraica a partir de Abraham Joshua Heschel – Élcio Verçosa Filho
- N. 84 O desencantamento da experiência religiosa contemporânea em House: “creia no que quiser, mas não seja idiota” – Renato Ferreira Machado
- N. 85 Interpretações polissêmicas: um balanço sobre a Teologia da Libertação na produção acadêmica – Alexandra Lima da Silva & Rhaissa Marques Botelho Lobo



- N. 86 Diálogo inter-religioso: 50 anos após o Vaticano II – Peter C. Phan
- N. 87 O feminino no Gênesis: A partir de Gn 2,18-25 – André Wénin
- N. 88 Política e perversão: Paulo segundo Žižek – Adam Kotsko
- N. 89 O grito de Jesus na cruz e o silêncio de Deus. Reflexões teológicas a partir de Marcos 15,33-39 – Francine Bigaouette, Alexander Nava e Carlos Arthur Dreher
- N. 90 A espiritualidade humanística do Vaticano II: Uma redefinição do que um concílio deveria fazer – John W. O'Malley
- N. 91 Religiões brasileiras no exterior e missão reversa – Vol. 1 – Alberto Groisman, Alejandro Frigerio, Brenda Carranza, Carmen Sílvia Rial, Cristina Rocha, Manuel A. Vásquez e Ushi Arakaki
- N. 92 A revelação da “morte de Deus” e a teologia materialista de Slavoj Žižek – Adam Kotsko
- N. 93 O êxito das teologias da libertação e as teologias americanas contemporâneas – José Oscar Beozzo
- N. 94 Vaticano II: a crise, a resolução, o fator Francisco – John O'Malley
- N. 95 “Gaudium et Spes” 50 anos depois: seu sentido para uma Igreja aprendente – Massimo Faggioli
- N. 96 As potencialidades de futuro da Constituição Pastoral
- N. 97 500 Anos da Reforma: Luteranismo e Cultura nas Américas – Vítor Westhelle
- N. 98 O Concílio Vaticano II e o aggiornamento da Igreja – No centro da experiência: liturgia, uma leitura contextual da Escritura e o diálogo – Gilles Routhier
- N. 99 Pensar o humano em diálogo crítico com a Constituição Gaudium et Spes – Geraldo Luiz De Mori
- N. 100 O Vaticano II e a Escatologia Cristã: Ensaio a partir de leitura teológico-pastoral da Gaudium et Spes – Afonso Murad
- N. 101 Concílio Vaticano II: o diálogo na Igreja e a Igreja do Diálogo – Elias Wolff
- N. 102 A Constituição Dogmática Dei Verbum e o Concílio Vaticano II – Flávio Martinez de Oliveira
- N. 103 O pacto das catacumbas e a Igreja dos pobres hoje! – Emerson Sbardelotti Tavares
- N. 104 A exortação apostólica Evangelii Gaudium: Esboço de uma interpretação original do Concílio Vaticano II – Christoph Theobald
- N. 105 Misericórdia, Amor, Bondade: A Misericórdia que Deus quer – Ney Brasil Pereira
- N. 106 Eclesialidade, Novas Comunidades e Concílio Vaticano II: As Novas Comunida-



- des como uma forma de autorrealização da Igreja – Rejane Maria Dias de Castro Bins
- N. 107 O Vaticano II e a inserção de categorias históricas na teologia – Antonio Manzatto
- N. 108 Morte como descanso eterno – Luís Inácio João Stadelmann
- N. 109 Cuidado da Criação e Justiça Ecológica-Climática. Uma perspectiva teológica e ecumênica – Guillermo Kerber
- N. 110 A Encíclica Laudato Si’ e os animais – Gilmar Zampieri
- N. 111 O vínculo conjugal na sociedade aberta. Repensamentos à luz de Dignitatis Humanae e Amoris Laetitia – Andrea Grillo
- N. 112 O ensino social da Igreja segundo o Papa Francisco – Christoph Theobald
- N. 113 Lutero, Justiça Social e Poder Político: Aproximações teológicas a partir de alguns de seus escritos – Roberto E. Zwetsch
- N. 114 Laudato Si’, o pensamento de Morin e a complexidade da realidade – Giuseppe Fumarco
- N. 115 A condição paradoxal do perdão e da misericórdia. Desdobramentos éticos e implicações políticas – Castor Bartolomé Ruiz
- N. 116 A Igreja em um contexto de “Reforma digital”: rumo a um sensus fidelium digitalis? Moisés Sbardelotto
- N. 117 Laudato Si’ e os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável: uma convergência? – Gaël Giraud e Philippe Orliange
- N. 118 Misericórdia, Compaixão e Amor: O rosto de Deus no Evangelho de Lucas – Ildo Perondi e Fabrizio Zandonadi Catenassi
- N. 119 A constituição da Dignidade Humana: aportes para uma discussão pós-metafísica – Thyeles Moratti Precilio Borcarte Strelhow
- N. 120 Renovação do espaço público: pentecostalismo e missão em perspectiva política – Amos Yong
- N. 121 Viver as Bem-aventuranças numa Igreja em saída – Tea Frigerio
- N. 122 Ser e Agir, o Reino e a Glória: a Oikonomia Trinitária e a bipolaridade da máquina governamental – Colby Dickinson
- N. 123 A sensibilidade religiosa de Thoreau – Edward F. Mooney
- N. 124 Diáconas na Igreja Maronita – Phyllis Zagano
- N. 125 Comportamentos normatizados e a noção de profanação: uma reflexão em Giorgio Agamben – Claudio de Oliveira Ribeiro
- N. 126 Teologalidade das resistências e lutas populares – Francisco de Aquino Júnior



- N. 127 A glória como arcano central do poder e os vínculos entre oikonomia, governo e gestão – Colby Dickinson
- N. 128 O Princípio Pluralista – Claudio de Oliveira Ribeiro
- N. 129 Deus e o Diabo na política: compaixão e vocação profética – Ivone Gebara
- N. 130 Deslocamentos genealógicos da economia teológica segundo Agamben – Joel Decothé Junior
- N. 131 A Heterodoxia do Pseudo-Dionísio: hierarquia e burocracia na Teologia Medieval – Gerson Leite de Moraes e Daniel Nagao Menezes
- N. 132 O pensamento de Jorge Mario Bergoglio. Os desafios da Igreja no mundo contemporâneos – Massimo Borghesi
- N. 133 Os documentos eclesiais pós-sinodais “Familiaris Consortio” de Wojtyła e “Amoris Laetitia” de Bergoglio como respostas aos desafios da pastoral matrimonial – José Roque Junges
- N. 134 A universalidade e o (não) lugar político da Igreja no mundo de hoje. A eclesiológia da globalização de Francisco – Massimo Faggioli
- N. 135 A ética social do Papa Francisco: O Evangelho da misericórdia segundo o espírito de discernimento – Juan Carlos Scannone S.I.
- N. 136 Amoris Laetitia: aspectos antropológicos e metodológicos e suas implicações para a teologia moral – Todd A. Salzman e Michael G. Lawler
- N. 137 A Teologia da Missão à luz da Exortação Apostólica Evangelii gaudium – Paulo Suess
- N. 138 O pontificado de Francisco e o laicato na missão da Igreja hoje. Avanços e impasses da “parrésia eclesial” – Andrea Grillo
- N. 139 A Opção de Francisco: como evangelizar um mundo em mudança? – Austen Ivereigh
- N. 140 A liturgia, 50 anos depois do Concílio Vaticano II: marcos, desafios, perspectivas – Andrea Grillo
- N. 141 Franciscus non cantat: Um discurso, alguns percursos e ressonâncias acerca da música litúrgica pós-conciliar – Márcio Antônio de Almeida
- N. 142 Para além do limiar do Templo: apontamentos éticos para uma pastoral em modo on-line – Thiago Isaias Nóbrega de Lucena e José Joanees Souza Oliveira
- N. 143 A Conversão de Agostinho de Hipona, interpretada em reflexões sobre a expressão *Intellige Ut Credas* – Orlando Polidoro Junior
- N. 144 Teologia Pública e Práxis Pastoral: considerações em vista de uma Pastoral Pú-



blica - Luis Carlos Dalla Rosa

N. 145 O debate sobre o princípio pluralista: um balanço das reflexões sobre o princípio pluralista e suas aplicações - Claudio de Oliveira Ribeiro

N. 146 Juventudes e vivência ecumênica - Rosemary Fernandes da Costa

N. 147 Igreja e evangelização: provocações da pandemia. Parte I - O fim de um mundo? - Geraldo De Mori, Lucimara Trevizan e Edward Guimarães

N. 148 Igreja e evangelização: provocações da pandemia. Parte II - As dores do parto - Geraldo De Mori, Lucimara Trevizan e Edward Guimarães

N. 149 Igreja e evangelização: provocações da pandemia. Parte III - Vinho novo, odres novos - Geraldo De Mori, Lucimara Trevizan e Edward Guimarães

N. 150 O Papa Francisco, a Igreja e a ética teológica. Alguma coisa mudou? - Michael G. Lawler e Todd A. Salzman

N. 151 Igreja em saída para as periferias sociais e existenciais. O problema espiritual da missão - Rogério L. Zanini

N. 152 Fratelli Tutti: um guia de leitura - Gilmar Zampieri

N. 153 A Igreja e as uniões do mesmo sexo: O Responsum e suas implicações pastorais - Michael G. Lawler e Todd A. Salzman

N. 154 A Igreja e a união de pessoas do mesmo sexo: O Responsum e a possibilidade de novas abordagens - Andrea Grillo

N. 155 Gustavo Gutierrez: servidor dos pequenos e teólogo da libertação - José Oscar Beozzo

N. 156 O ensino moral da Igreja no pontificado do Papa Francisco: avanços, desafios e perspectivas - Todd A. Salzman e Michael G. Lawler

N. 157 Razão pública e sociedade pós-secular: o diálogo entre cidadãos religiosos e secularizados no pensamento de Jürgen Habermas - Emerson Silva

N. 158 Valores cristãos, valores seculares e por que eles precisarão um do outro na década de 2020 - Alec Ryrie

N. 159 O grito de abandono de Jesus na cruz e o silêncio de Deus: reflexões à luz do Evangelho de Marcos - Junior Vasconcelos do Amaral

 UNISINOS